



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília/Universidade Aberta do Brasil

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**FAMÍLIA, ESCOLA E INCLUSÃO: PERCEPÇÕES DE INCLUSÃO E
DIVERSIDADE, EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

KEILA CRISTINA BORGES LOPES

ORIENTADORA: PATRÍCIA CRISTINA CAMPOS RAMOS

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília/Universidade Aberta do Brasil

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS



KEILA CRISTINA BORGES LOPES

FAMÍLIA, ESCOLA E INCLUSÃO: PERCEPÇÕES DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE, EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano-PED/IP – UAB/UNB

Orientadora: Patrícia Cristina Campos Ramos.

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

KEILA CRISTINA BORGES LOPES

FAMÍLIA, ESCOLA E INCLUSÃO: PERCEPÇÕES DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE, EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Ms. PATRÍCIA CRISTINA CAMPOS RAMOS (Orientador)

DRA. FÁTIMA LUCILIA VIDAL RODRIGUES (Examinador)

KEILA CRISTINA BORGES LOPES (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai. Pelo seu sorriso e admiração quando fui aprovada no curso e pelo incentivo aos estudos que me deu da minha infância até seus últimos dias! Obrigada papai. Te amo, eternamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor da vida. Sem Ele e sem os dons que Ele nos concedeu, não seria possível realizar este trabalho. À minha família: à minha mãe Lúcia, pelo ombro amigo, apoio e ajuda nas horas difíceis. Às minhas irmãs, Karla e Renata, por me incentivarem a não desistir dos meus ideais. À minha filha Maria Fernanda, pela minha ausência devido à dedicação quase diária ao curso. Ao meu noivo Thyago, por entender a necessidade de me aperfeiçoar profissionalmente. Aos familiares: avós, tios, primos e cunhado, e aos meus amigos: apoio incondicional nos meus estudos. Às companheiras de trabalho, pela torcida. À tutora Patrícia, por tamanha dedicação, paciência e disponibilidade para que fizéssemos um trabalho de excelência! À toda coordenação do curso e à UAB-UnB por possibilitar às pessoas realizarem seus sonhos. Muito obrigada!

RESUMO

As concepções sobre família, escola e inclusão escolar estão presentes cotidianamente, no meio social. Com as mudanças ocorridas na sociedade modificaram-se, de forma significativa, as percepções sobre a família; inclusive, as percepções das crianças. Na escola, instituição responsável pelo conhecimento formal, diversas são as opiniões, principalmente, em se tratando de inclusão escolar. Assim, considerar os aspectos que envolvem família, escola e inclusão são cada vez mais importantes. Com o objetivo de pesquisar as percepções da diversidade e da inclusão, envolvendo membros da família e da escola, participaram deste estudo: 3 profissionais da escola, 1 mãe e 4 crianças em idade pré-escolar (3 a 6 anos incompletos). Os instrumentos utilizados foram: (a) entrevistas abertas com as crianças, utilizando bonecos com Necessidades Educacionais Especiais e (b) entrevistas semi-dirigidas com os adultos. Das diferentes participações e percepções de família, escola e inclusão, diversos foram os resultados obtidos; entre eles, vimos que a criança de 3 anos incompletos constrói suas concepções imitando os adultos e nomeia os objetos de acordo suas características físicas; a de 4 anos incompletos tem o reflexo da família nas suas concepções, ligadas a punições e permissões; para a criança de 5 anos incompletos, já é possível conhecer as deficiências no contexto social; já a criança de 6 anos tem o reflexo da família em suas concepções, devido ao uso de objetos feitos por um membro familiar. Para os profissionais da escola e a família, a participação mais efetiva dentro do contexto escolar foi destacada, assim como maior capacitação profissional. Através desses resultados observados, espera-se promover a inclusão da família na escola, propor adaptações ao projeto político pedagógico escolar e inserir conteúdos a respeito da diversidade para as crianças.

Palavras-Chave: Família, Escola, Inclusão Escolar, Diversidade, Crianças

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1-Principais contextos de desenvolvimento: família e escola.....	11
1-1-A família e seu papel no desenvolvimento humano.....	11
1-2-A escola, seu papel no desenvolvimento humano e suas relações <i>com a família</i>	14
II – OBJETIVO.....	19
III – METODOLOGIA.....	20
3-1-Fundamentação teórica da metodologia.....	20
3-2-Contexto da pesquisa	21
3-3-Participantes	22
3-4-Materiais	23
3-5-Instrumentos de construção dos dados	24
3-6-Procedimentos de construção dos dados-.....	25
3-7-Procedimentos de análise dos dados	25
IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	39
A – Roteiro de entrevista com membro da família.....	39
B – Roteiro de entrevista para profissionais da escola.....	40
C – Fotos dos materiais utilizados nas entrevistas com as crianças.....	41
D – Quadro V.....	42
ANEXOS.....	43
I- Carta de Apresentação – Escola (Modelo).....	43
II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo).....	45
III - Transcrições das entrevistas realizadas com as crianças.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Quadro Criança 1-----	26
Quadro 2- Quadro Criança 2-----	27
Quadro 3- Quadro Criança 3-----	28
Quadro 4- Quadro Criança 4-----	29
Quadro 5- Quadro Profissionais da Escola e Família-----	42

APRESENTAÇÃO

A família é uma das instituições fundamentais para o desenvolvimento e a trajetória de vida das pessoas. Profissionalmente, como fonoaudióloga e pedagoga, tenho observado a inserção e interação da família no ambiente escolar, principalmente, em se tratando de alunos com NEE (Necessidades Educacionais Especiais). Como primeira instituição em que se insere o ser humano, a importância e a necessidade da família para os processos de desenvolvimento são primordiais, conduzindo a estudos de variados temas sobre ela.

Particularmente nas camadas socioeconômicas médias e, acentuadamente, nos países ocidentais, houve mudanças nas relações familiares e na rotina diária das crianças, que passaram a ingressar cada vez mais cedo em ambientes coletivos e a terem seus cuidados diminuídos dentro da família (SIMIONATO-TOZO; BIASOLI-ALVES, 1998). Portanto, não é somente na família que a criança tem oportunidade de ampliar seu repertório como sujeito no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento (DESSEN; POLÔNIA, 2007); a escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente, na aquisição do saber culturalmente organizado em suas distintas áreas de conhecimento.

Além disso, o contexto escolar acompanha mudanças sociais e, nos dias de hoje, é diferente de tempos atrás. Um fator que influencia na estrutura familiar é a entrada das mulheres no mercado de trabalho. A participação da mulher neste setor faz com que a estrutura familiar sofra mudanças, principalmente, na rotina das crianças, que ingressam cada vez mais cedo no ambiente escolar (CAMPOS-RAMOS, 2008). Como hoje em dia a criança é inserida na escola precocemente, por diversos e variados motivos, a presença da família no contexto escolar se torna cada vez mais importante.

Durante a jornada de trabalho, seja na hora da chegada das crianças, ou na saída das mesmas, é possível perceber que as famílias mais comprometidas com o processo educacional dos filhos são aquelas que disponibilizam tempo para uma interação com o professor. Através do diálogo, querem saber além dos cuidados de higiene, saúde e alimentação, questões sobre o desenvolvimento pedagógico. Conseqüentemente, essas mesmas crianças são aquelas que apresentam mais facilidade na aprendizagem, o que tem gerado curiosidade a respeito da família, da

escola e da relação entre as mesmas, no processo de aprendizagem. Como a escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, e não se separa da sua constituição “humana”, ou seja, do corpo de funcionários, surge a necessidade de incluí-los na pesquisa, assim como as próprias crianças e seus familiares.

Assim sendo, família e escola, incluídas em um contexto social, devem estar preparadas para eventuais mudanças que ocorrem na sociedade. Uma das mudanças mais relacionadas aos dois contextos é a inclusão. Essas duas instituições, juntas no processo de ensino aprendizagem de crianças com NEE, terão resultados mais satisfatórios.

Entender o processo de como as famílias participam do processo de inclusão, definir a melhor forma de inseri-las em um processo verdadeiramente efetivo na comunidade escolar e conhecer como as crianças enxergam o processo de inclusão são objetivos pretendidos para esta pesquisa. Pensando nisso, o tema escolhido para ser investigado foi: diferentes percepções sobre a diversidade, visando conhecer as percepções de familiares, profissionais da escola e da própria criança no processo de inclusão, além de investigar o bom desempenho do trabalho docente e os diferentes papéis exercidos pela família nos diversos contextos em que está inserida, especialmente a escola, neste processo.

Para isto, foram realizadas entrevistas com crianças de 3 a 6 anos, mãe, coordenação, professor e auxiliar de educação, que serão posteriormente analisadas, com base no enfoque qualitativo.

Os capítulos apresentados serão: Fundamentação Teórica, Objetivos, Metodologia, Resultados e, por final, a Discussão Teórica dos mesmos. Na Fundamentação Teórica será apresentado o referencial usado para a pesquisa, autores e suas contribuições sobre o tema. Nos objetivos, quais objetivos pretendíamos alcançar com a pesquisa. No capítulo da Metodologia, abordaremos como foram construídas as informações, contexto da pesquisa, participantes, materiais utilizados, instrumentos, construção dos dados, os resultados obtidos, sua análise e discussão dos resultados, encerrando com algumas considerações a respeito das opiniões dos participantes em relação ao processo de inclusão.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1-PRINCIPAIS CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO: FAMÍLIA E ESCOLA

A vida de um sujeito é marcada por influências distintas, decorrentes dos variados contextos de desenvolvimento dos quais participa e que o influenciam ao longo de sua vida. Para Kelman (2010), contexto é o meio em que os indivíduos estão inseridos e onde acontecem os chamados processos de desenvolvimento. Entre os importantes contextos de desenvolvimento destacam-se a família, a escola, o trabalho e o lazer. Descreveremos, a seguir, sobre os contextos de desenvolvimento do indivíduo: primeiramente, a família; em seguida, a escola; e, posteriormente, falaremos sobre a inclusão.

1.1- A família e seu papel no desenvolvimento humano

A família, primeira instituição social do indivíduo, embora presente em todas as sociedades, apresenta variações quanto à estrutura e ao funcionamento. Essas variações e a forma de vida das pessoas, tem influenciado na inserção da criança no contexto escolar, principalmente em se tratando de crianças com NEE.

A família, presente em todas as sociedades, “não deve ser pensada fora de um contexto material, social e histórico, pois depende da organização e das normas sociais como um todo” (CAMPOS-RAMOS, 2008, Pg. 4). A família, em decorrência dos avanços sociais, econômicos e tecnológicos, tem mudado seus papéis, suas obrigações e sua estrutura tradicionais (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999), conduzindo a mudanças na sua estrutura, formação e nos conceitos que formamos a respeito dela, nos últimos tempos.

Desde a revolução industrial, as pessoas tem se deslocado do campo para a cidade em busca de trabalho nas indústrias. Isso, conseqüentemente, faz mudar a estrutura e a organização familiar e distingue, claramente, a vida em família e o trabalho. Essa transformação da sociedade também fez com que a família, até então extensa, se reduzisse, em geral, ao casal e seus filhos (CAMPOS-RAMOS, 2008).

Outro fator que influencia na estrutura familiar se deve à entrada das mulheres no mercado de trabalho. Essa participação no mercado de trabalho foi

necessária para aumentar a renda familiar. Com isso, muda-se a rotina da família e das crianças, que precisaram ingressar mais cedo em ambientes escolares e conseqüentemente, tiveram os cuidados diminuídos dentro da família (CAMPOS-RAMOS, 2008).

Mesmo com todas as mudanças citadas, a família ainda é considerada como o principal e o primeiro contexto de desenvolvimento no qual o ser humano vive. Todas as experiências dentro deste contexto serão marcadas para toda a vida.

Temos em nossas mentes, ao falar de família, a instituição familiar composta por pai, mãe e filhos, ou seja, a família nuclear. Mas, devido às mudanças que vêm ocorrendo na instituição familiar, existem na atualidade, outras composições familiares. São inúmeras as combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias contemporâneas: família extensiva, família monoparental, tradicional, descasada, recasada, homossexual, , dentre outras. A família extensiva, por exemplo, é formada por grupos de parentes que coabitam – tios, primos e avós – que se alternam nos papéis de cuidadores. No caso da família monoparental, apenas um dos membros parentais está presente, com frequência a mãe (CAMPOS-RAMOS, 2008; DESSEN, POLONIA, 2007; KELMAN, 2010).

Portanto, atualmente, a família não pode ser definida apenas pelos laços de consangüinidade - pois, é composta por uma complexa, diversificada e dinâmica rede de interações que envolvem aspectos cognitivos, sociais, afetivos e culturais - mas, sim, por um conjunto de variáveis incluindo o significado das interações e relações entre as pessoas (DESSSEN; POLONIA, 2007). Neste sentido, concordamos que “a noção de família tem se ampliado à medida que procura incluir e compreender as diferentes relações entre os seus membros” (SIQUEIRA, 2009, Pg.177).

Szymanski (2004) traz uma definição de família, que por ser relativa à relação de cuidado com as crianças, nos interessa particularmente: a família vivida. A autora considera a ligação afetiva duradoura entre um grupo de pessoas que convivem, reconhecendo-se como família, incluindo o compromisso de uma relação de cuidado contínuo entre os adultos e deles com as crianças, jovens e idosos. Essa proposta abre espaços para os mais diferentes arranjos e protagonistas e tem no cuidado o seu sentido de existir.

A família é vista, também, como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. Imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social, a família é a primeira mediadora entre homem e cultura gerando modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007).

É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade, sendo o primeiro referencial para a constituição identitária da criança. (SZYMANSKI, 2004).

Como contexto de desenvolvimento, notamos pelas diferentes definições acima, que a família é um fenômeno muito complexo, cuja compreensão é dificultada pelo número de condições envolvidas, internas e externas a ela, interdependentes, e que apresentam efeitos cumulativos ao longo do tempo (SZYMANSKI, 2004). Esses efeitos interferem, diretamente, na construção dos conceitos de família pelas crianças, principalmente com a inserção das mesmas no âmbito escolar. As definições de família citadas são de suma importância para a percepção de que existem diversas composições familiares, nem sempre reconhecidas em outros contextos nos quais a criança se insere.

Assim, na escola, onde ocorre o maior contato com a diversidade, é que se iniciam as comparações com os colegas de sala; as perguntas frequentes da falta de um dos genitores, porque morar com outros familiares, etc. Essas percepções, adquiridas com o tempo, ajudam no convívio com a diversidade e ao respeito ao diferente, no processo de socialização.

Para a família, cabe transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos (SZYMANSKI, 2004), além de promover a socialização das crianças, estabelecendo condições para o seu “bom” desenvolvimento (RODRIGUES; TANCREDI, 2005).

Mas, não é somente na família que a criança tem oportunidade de ampliar seu repertório como sujeito no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Dessen e Polônia (2007), família e escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e

social. Portanto, além da família, a escola constitui outro contexto de desenvolvimento fundamental para a trajetória de vida do indivíduo.

1.2- A escola, seu papel no desenvolvimento humano e suas relações com a família

A escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente, na aquisição do saber culturalmente organizado, em suas distintas áreas de conhecimento. Compartilhando do pensamento que a escola é responsável pela aquisição do saber, Kelman (2010) afirma que: “a escola é uma importante agência social promotora do desenvolvimento e da construção do saber” (p. 42).

Na instituição escola, são priorizadas as atividades educativas formais, sendo ela identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem. O currículo, no seu sentido mais amplo, deve envolver todas as experiências realizadas nesse contexto (DESSEN; POLONIA, 2007). A escola tem, ainda, a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em um dado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e de legitimar uma ordem social (RODRIGUES; TANCREDI, 2005).

Sendo assim, as escolas devem procurar inserir, no seu projeto pedagógico, um espaço para valorizar, reconhecer e trabalhar as práticas educativas familiares e utilizá-las como recurso importante nos processos de aprendizagem dos alunos (DESSEN; POLONIA, 2007). Os objetivos são distintos, mas que se interpenetram. O envolvimento da família com a escola deve ser considerado um componente importante para o bom desempenho do papel escolar (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999). A família deve fazer parte dos que contribuem para a obtenção de melhores resultados na escola, até mesmo, em termos comportamentais.

Com relações mais estreitas com a escola, a família pode favorecer a escolarização das crianças, dando indicações à escola a respeito de suas expectativas. Assim contribuem, também, para que esta interação ocorra sem transtornos (RODRIGUES; TANCREDI, 2005). A família deve estar preparada para dar as condições necessárias aos seus filhos para que possam cumprir as

expectativas da escola (SZYMANSKI, 2004). A mesma tem manifestado seu interesse e preocupação com a escolarização dos filhos e mantendo esforços para mantê-los na escola, mas apesar do envolvimento, esse interesse não repercute na escola e a participação dos pais não ocorre no mesmo nível de seus anseios (COZER, 2003).

As famílias são convidadas, frequentemente, a envolverem-se em atividades escolares secundárias, como arrecadação de dinheiro, para controlar comportamento e para plantões pedagógicos. Muitas vezes não são convidadas a participarem da elaboração e do desenvolvimento dos projetos pedagógicos das escolas. Assim, a participação das famílias no processo de desenvolvimento escolar não tem sido suficientemente significativa. Esse tipo de interação revela a existência de um modelo unilateral, em que os pais, muitas vezes, são aceitos pela escola em termos de discurso, mas, na prática, há uma participação secundária que apenas referenda às decisões e ações da instituição (RODRIGUES; TANCREDI, 2005), o que se torna enfático nos processos de inclusão.

2- INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR

O processo de exclusão social foi se transformando ao longo da história, mas sempre abrangeu as pessoas com disfunção social ou inadaptação individual (COELHO, 2010). Na antiguidade, a deficiência existia, mas, não era considerada um problema, pois a atitude adotada quanto às crianças deficientes era de abandono até a morte (PEREIRA, 2009).

Nossa História traz fatos em que a exclusão social era manifestada pela extinção do indivíduo. Na Grécia e Roma antigas, os cuidados com o corpo, a fim de criar seres “perfeitos” para o culto da beleza e para a guerra, fizeram com que, durante muitos anos, os recém-nascidos que apresentassem algum tipo de diferença física visível fossem sacrificados. A exclusão se iniciava, àquela época, dentro da própria família (COELHO, 2010).

A história da educação especial começou a ser traçada no século XVI, com médicos e pedagogos que, apesar de todas as dificuldades e ultrapassando conceitos da época, acreditaram nas possibilidades de indivíduos até então considerados ineducáveis. Centrados no aspecto pedagógico, numa sociedade em que a educação formal era direito de poucos, esses precursores desenvolveram

seus trabalhos em bases tutoriais, sendo eles próprios os professores de seus pupilos (MENDES, 2006).

Após a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, as pessoas sofreram inúmeras mutilações e se tornaram deficientes. Muitos soldados e oficiais, além de alguns civis, passaram a ter necessidade de assistência para assumir suas ocupações anteriores (PEREIRA, 2009). Com isso, a sociedade passou a conviver, também, com essas pessoas e estas a terem, de alguma forma, necessidades de serem incluídas socialmente.

Segundo Sasaki (1999), a inclusão social é definida como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas especiais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, o modo com estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

Assim, conseqüentemente – pois a escola se insere em uma realidade social – a educação inclusiva é, hoje, uma realidade em muitos países, e amparada legalmente no Brasil, inclusive pela Constituição Federal, que em seu artigo 208, garante: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Diversos são os documentos que passaram a existir, durante esse processo de avanços e conquistas rumo à inclusão social e escolar. Em relação ao movimento de inclusão de pessoas com deficiência, considera-se o marco na luta contra o preconceito, o documento da Declaração de Salamanca 1994, elaborado na reunião internacional de “Educação para Todos”. A partir da Declaração, muitas discussões e ações voltadas para a inclusão das pessoas com deficiências passam a se organizar como políticas públicas de atendimento, inclusive no Brasil (COELHO, 2010).

Sobre a inclusão, a Declaração de Salamanca 1994 (apud Sasaki, 1999) traz como princípio fundamental da escola inclusiva que todas as pessoas devem aprender juntas, independente das dificuldades ou diferenças que elas possam ter. A escola inclusiva precisa reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus educandos, assegurando educação de qualidade para todos, mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com suas comunidades. Dentro da proposta do Ministério da Educação, mais especificamente da Secretaria de Educação Especial (Brasil, 2004, p.7), “escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a

cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”. Maciel e Barbato (2010) também defendem como valores da escola inclusiva o contato com a diversidade e o respeito ao diferente.

Desde então, nos mais diferentes grupos e de forma cada vez mais abrangente, os princípios que norteiam a inclusão estão ligados, nos mais variados contextos da organização social - nas políticas públicas, na mídia, nos esportes e nas definições no âmbito do atendimento - à saúde e à educação (MACIEL, 2010). Entretanto, é principalmente na área da educação que o conceito se faz mais presente.

O Brasil tem uma importante legislação sobre o direito de toda pessoa à educação, conforme pode ser observado no Artigo 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Essa mesma legislação dirige-se, de forma particular, ao direito à educação das pessoas com necessidades especiais, nos artigos 58, 59 e 60, que tratam da educação especial como modalidade escolar oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, devendo estar presente desde a Educação Infantil (Brasil, 1996).

Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional existem, ainda, o Plano Nacional de Educação – PNE – e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI – documentos importantes para a educação de crianças de 0 a 6 anos. A Educação Infantil, atualmente, passa por um momento de análise de seus componentes ideológicos e organizacionais, devendo-se considerar a educação para a diversidade como um fato a ser incorporado em sua história atual, abrangendo a inclusão da criança com necessidades especiais (VITTA, 2010).

Não há dúvidas de que a inserção de uma criança deficiente no ambiente escolar valoriza a diversidade (VITTA, 2010). Além disto, “sua inserção também possibilita à criança aprender que o ambiente social é constituído de diferentes pessoas, com diferentes características e que essas diferenças devem ser respeitadas, ou seja, que sociedade é sinônimo de diversidade” (p. 78)

No âmbito da Educação Infantil, foco deste estudo, as dificuldades do processo de inclusão somam-se a outras e à instituição propriamente dita, tais como objetivos e conteúdos, financiamento, formação dos profissionais que nela atuam, dentre outros. A creche, por trabalhar com crianças pequenas, poder-se-ia transformar no espaço privilegiado para a identificação da criança com alguma

deficiência ou dificuldade. O contato direto com o professor possibilitaria uma possível constatação. Deste modo, seria possível encaminhá-la, se necessário, para serviços específicos de diagnóstico e tratamento (VITTA, 2010).

Assim, numa sociedade inclusiva, a relação dos profissionais com os familiares deve ser de cooperação, juntos na direção do atendimento às necessidades especiais da criança. Os objetivos a serem alcançados e as decisões a serem tomadas devem ser discutidos entre todos os envolvidos, cabendo aos profissionais esclarecerem todos os passos dos atendimentos a serem realizados. A decisão dos familiares deve estar baseada em informações dadas por esses profissionais (PAULA; COSTA, 2007). Nestes casos, a escola pode complementar essa formação, na medida em que tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento integral das crianças (VITTA, 2010).

Vimos que família, escola e inclusão são indissociáveis em se tratando de alunos com NEE. E questionamentos importantes relacionados ao assunto surgiram para e com esta pesquisa: Como inserir as famílias na comunidade escolar, principalmente, em se tratando de inclusão de alunos com NEE? Como o processo está sendo realizado? A partir de quando essas crianças estão sendo inseridas na comunidade escolar? Os profissionais estão devidamente preparados para lidar com essas crianças? Os documentos escolares, como o projeto político pedagógico, estão adequados à verdadeira realidade da comunidade em relação ao processo de inclusão? Essas e outras perguntas fizeram parte dos objetivos desta pesquisa, às quais procuramos responder com nossas análises e reflexões.

II- OBJETIVOS

Objetivo Geral

1. Pesquisar as percepções que membros da família e da escola têm da diversidade e da inclusão, incluindo adultos e crianças destes dois contextos.

Objetivos Específicos

1. Compreender como as crianças entendem o processo de diversidade e inclusão.
2. Compreender as percepções dos familiares sobre diversidade e inclusão.
3. Compreender as percepções de profissionais da escola sobre diversidade e inclusão.
4. Investigar como as famílias participam no processo de inclusão escolar.
5. Sugerir uma melhor forma de inserir as famílias na comunidade escolar, especialmente em casos de inclusão de alunos com NEE.
6. Propor adequações ao projeto político pedagógico, de acordo com a verdadeira realidade da comunidade, em relação ao processo de inclusão.

III- METODOLOGIA

3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia

Para a realização deste trabalho, empregamos a metodologia qualitativa, com preocupação em “analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.269). A pesquisa qualitativa não define hipóteses formais. Ou seja, o pensamento e conhecimento prévios do investigador, juntamente com o curso da investigação, definem o resultado da pesquisa (RAPOSO; MACIEL, 2010).

São muitos os métodos utilizados para a coleta de dados em pesquisas qualitativas. “O uso de entrevistas é uma das opções mais frequentes e apresenta inúmeros caminhos e cuidados, devendo ser reconhecido como um método de qualidade para a coleta de dados” (BELEI, 2008, p.195).

A realização da entrevista é um modo mais fácil, simples e de fácil acesso para os pesquisadores. Todavia, é um método que “requer planejamento, preparo teórico e habilidade técnica no momento da coleta, da transcrição e da análise dos dados” (BELEI, 2008,p.191).

Para Falcão e Teniés (2000), o pesquisador deve orientar os entrevistados ou responsáveis sobre o objetivo das informações coletadas, o direito que têm ao sigilo profissional e o direito de deixar a entrevista a qualquer tempo. Somente ao término destas orientações e após o livre consentimento e autorização expressa é que as entrevistas são iniciadas.

Para Fraser e Gondim (2004, p.139) “a entrevista é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Trata-se de uma conversação dirigida a um propósito definido”. Existem três tipos de entrevistas, segundo Belei (2008, p.189):

“estruturada, semi-estruturada e não-estruturada. Entende-se por entrevista estruturada aquela que contém perguntas fechadas, semelhantes a formulários, sem apresentar flexibilidade; semiestruturada a direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas; não-estruturada aquela que oferece ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado”.

Um dos modelos mais utilizado é o da entrevista semi-estruturada. A entrevista semiestruturada relaciona pontos de interesse, e o entrevistador explora, ao longo de seu curso, sem a imposição de uma ordem rígida (VITTA, 2010).

Tratando-se de pesquisa com crianças, esse modo de produzir conhecimento se traduz no processo de pesquisar “com” a criança, e não mais em pesquisar “sobre” ela, buscando uma definição sobre a infância que silencia diante do confronto e das tensões entre as imagens que crianças e adultos constroem de si e do outro (PEREIRA; SALGADO; SOUZA, 2009, p.1023).

Com base nestes estudos, com as crianças desta pesquisa, foi utilizada a entrevista aberta. Segundo Raposo e Maciel (2010, p.83) “instrumentos abertos facilitam a expressão do sujeito em toda a sua complexidade e aceita o desafio que implica a construção de ideias e conceitos sobre a informação diferenciada que expressam os sujeitos estudados”.

Cabe ao pesquisador ampliar seus modos de ver e interpretar o que cada conjunto de narrativas revela sobre a relação do adulto com a criança no contexto onde se desenvolve a entrevista propriamente dita (PEREIRA; SALGADO; SOUZA, 2009).

3.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição privada que funciona dentro de um laboratório farmoquímico, situado na cidade de Anápolis. É uma instituição filantrópica e, por isso, atende, além de filhos de funcionários do laboratório, crianças carentes da comunidade.

O ingresso das crianças dá-se por solicitação da mãe, durante a gestação, no caso das funcionárias do laboratório, ou por meio de seleção pela assistência social, no caso de crianças da comunidade. Ambas as inserções ocorrem se houver vaga.

A instituição tem vários anos de existência e funcionamento. Trabalha com crianças de idades entre 0 e 6 anos, e de diferentes classes sociais. Atualmente, tem 178 alunos matriculados, que se subdividem em 11 pequenas salas de aula. Esta distribuição é feita de acordo com a faixa etária que as crianças se encontram ao ingressarem no Centro de Educação Infantil.

Assim sendo, a instituição segue a RESOLUÇÃO Nº 3, DE 3 DE AGOSTO DE 2005 que, no seu artigo 2º, explicita: Art.2º A organização do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e da Educação Infantil adotará a seguinte nomenclatura: lei Educação Infantil - Creche: Faixa etária até 3 anos de idade e Pré-escola: Faixa etária entre 4 e 5 anos de idade.

A instituição funciona em tempo integral. As crianças chegam na parte da manhã às 07:00hs e saem às 17:30hs. Na rotina das crianças inserem-se os períodos de alimentação, banho e repouso, além das atividades pedagógicas e brincadeiras.

Foi utilizado como cenário para a pesquisa uma sala de aula com cadeiras, colchonetes, armários, mesa, espelho. É uma sala bem ampla em que, normalmente, funciona a turma do Jardim II.

3.3. Participantes

Para esta pesquisa monográfica, foram necessários oito participantes, divididos em três grupos, que serão identificadas com iniciais:

Grupo 1: Crianças. Foram entrevistadas 4 crianças, de idades entre 3 e 6 anos, escolhidas por possuírem alguma queixa em relação à dificuldade de aprendizagem ou diagnóstico de alguma deficiência.

Criança 1: G. 3 anos. Aluno do Maternal I. Possui um tipo de deficiência visual. A mãe não sabe o nome da doença, mas, relatou que ele só poderá ser operado aos 5 anos de idade. A leve falta de acuidade visual não influencia sua aprendizagem, segundo a professora.

Criança 2: G. 4 anos. Aluno do Maternal II. Possui dificuldade de aprendizagem.

Criança 3: B. 5 anos. Aluno do Jardim I. Criança muito dispersa. Segundo a professora é hiperativo, mas não tem diagnóstico.

Criança 4: P.H. 6 anos. Aluno do Jardim II. Escolhido pela professora, por ser uma criança comunicativa. Segundo ela, apesar da dificuldade de aprendizagem, ele contribuiria melhor com a interação na entrevista por não ser uma criança tímida.

Grupo 2: Profissionais da escola. Entrevistadas 3 profissionais com diferentes funções.

Profissional 1: professora. M., do Berçário I, atualmente trabalha com uma criança de 1 ano que tem desmaios frequentes, além de uma criança com problemas no coração. Formada em pedagogia, também trabalha no Centro de Educação Infantil no período matutino.

Profissional 2: auxiliar de educação, D. trabalha no CEI e auxilia na sala do Berçário I, além de ser estudante de pedagogia.

Profissional 3: coordenadora. M. é coordenadora do CEI. Já foi professora no mesmo estabelecimento por 8 anos. É formada em pedagogia há 10 anos, além de ser especialista em Educação Infantil.

Grupo 3: Família. Entrevistada: uma mãe, C, cujo filho não está entre as crianças participantes. Devido ao fato da mãe anteriormente contatada perder o emprego, não sendo possível realizar a entrevista, foi sugerido pela diretora do Centro de Educação Infantil que fosse convidada uma pessoa conhecida dela, a fim de que pudessemos concluir a coleta de dados. A mãe C. é estudante de pedagogia e seu filho tem síndrome de West.

3.4. Materiais

Foram utilizados os seguintes materiais:

- 1 gravador
- 1 mesa
- 2 cadeiras

- 6 fantoches (vide Apêndice C. 1, 2, 3, 4, 5 e 6)
- 1 cadeira de rodas de brinquedo (pequena, de tamanho adequado aos bonecos) (vide Apêndice C.7)
- 1 aparelho auditivo confeccionado com massa de modelar (vide Apêndice C.9.A e C.9.B)
- 1 óculos (vide Apêndice C.8)
- caneta
- roteiros de entrevista

3.5. Instrumentos de construção dos dados

Pensando na pesquisa qualitativa, foram desenvolvidos os seguintes instrumentos para a construção dos dados:

- 1) Entrevista semi-dirigida, utilizando o tema: “Família, escola e inclusão: concepções sobre a diversidade”, que foi utilizada com uma mãe de criança com idade entre 6 meses a 3 anos incompletos (Ver Apêndice A)
- 2) Entrevistas abertas com crianças de 3 a 6 anos incompletos, utilizando bonecos. Através de conversa informal e espontânea, a entrevista era assim iniciada: “Olá! Nós estamos aqui porque estou realizando um trabalho muito importante e preciso da sua ajuda e da ajuda de alguns coleguinhas seus. Mas esse trabalho é muito divertido! Nós vamos brincar! Hoje vamos brincar com bonecos e conversar sobre deficiências. Você sabe o que isso significa?”. Os bonecos tiveram características de deficiências, sendo: três bonecos sem NEE, um deficiente visual, um cadeirante e um deficiente auditivo, por serem patologias com recursos visualmente perceptíveis (ver Apêndice C).
- 3) Entrevistas semi-dirigidas sobre o mesmo tema, com a coordenadora da escola participante, 1 professor e 1 auxiliar de educação (ver Apêndice B).

3.6. Procedimentos de construção dos dados

Este estudo foi realizado no Centro de Educação Infantil H. A escolha dessa instituição para a coleta de dados deveu-se à proximidade da pesquisadora, que também sabia da facilidade de acesso aos familiares, por trabalharem no mesmo local, e por estarem incluídas crianças, que de uma forma ou de outra, necessitam de cuidados educacionais especiais.

Os responsáveis pelas crianças foram contatados através de pedido pessoal, assim como feito com os profissionais da escola. Através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver anexo B) entenderam o objetivo proposto e autorizaram as entrevistas através da assinatura do mesmo.

Com a mãe, a auxiliar de educação e a professora foi utilizado o modelo de entrevista semiestruturada. Estas foram individuais e ocorreram na própria instituição, em horário previamente combinado. Foram gravadas e transcritas na íntegra, para posterior análise.

Para a coordenadora, foram utilizadas as questões da entrevista semiestruturada, mas não foram gravadas por escolha da participante, que as respondeu manualmente.

3.7. Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram analisados após a escuta e transcrição das entrevistas. Através das respostas que mais tiveram proximidade dos temas, foi feita a definição das categorias de análise. Para os participantes do Grupo 1 (crianças de 3 a 6 anos incompletos) foram feitos quadros individuais com sínteses das respostas obtidas. Para os participantes do Grupo 2 (Profissionais da Escola) e Grupo 3 (Família), foi feito um quadro a partir das categorias de análise, para posterior discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da coleta de dados, foram entrevistados 8 participantes. Entre eles, 4 crianças (de idade entre 3 e 6 anos incompletos) e 4 adultos (3 profissionais da escola e 1 mãe). Inicialmente, as crianças pareciam um pouco tímidas e demoravam um pouco para responder e quando o faziam, respondiam com pequenas palavras, como no exemplo que se segue:

“Oi G! Tudo bem? Responde... Tudo? Fala! (Perguntas para a Criança 2)”.

“Tá...Tudo...Quero... Sei... Já... (Crianças 1, 3 e 4)”.

Após o contato inicial começaram a se “soltar” e a interação foi bastante satisfatória. Os resultados das categorias das entrevistas com cada criança foram colocados em quadros individuais. As categorias destacadas para análise foram: deficiências auditiva, física e visual. Os temas, divididos de acordo com a função característica observada em cada objeto: aparelho auditivo, cadeira de rodas e óculos. Esses temas foram analisados de acordo com as verbalizações das crianças, transcritas de acordo com a nomeação dada, e ao uso do objeto.

Para a criança 1, G., de 3 anos incompletos, a entrevista foi bem espontânea. Ele brincou, interagiu com o entrevistador e os bonecos durante a entrevista. Nas nomeações por ele feitas, conforme apresentado no Quadro 1, foi notado que para os objetos cadeira e óculos, o uso é ligado à característica física do objeto e não ao seu uso relacionado com nenhuma das deficiências. Para o objeto aparelho auditivo, a criança não o percebeu, nem mesmo como acessório. Assim, não fez nomeação e não definiu o seu uso.

QUADRO 1 Criança 1. 3 anos incompletos

Categorias	Temas	Verbalizações	
		Nomeação	Uso
Deficiência Auditiva	- Sem função	Não nomeou	Sem função
Deficiência Física	- Função/ sentar	“Cadeira”	“Cadeira”
Deficiência Visual	- Função: acessório	“óculos”	Não verbalizou. Colocou nos olhos

Durante a entrevista, G. nomeou a maioria das características vistas como: “boquinha”, “nariz dele”, “chapéu”, “boca dele”. Notamos, também, que o jeito da criança brincar é ligado à forma usada pela professora ao expor os bonecos para os alunos, imitando o adulto. Por exemplo, ao brincar com o boneco que usava o aparelho auditivo, G. mudou a voz, assim como se é comum ao brincar com fantoches, dizendo “Oi amiguinha”. Ao questionar qual gostou mais, foi apontado o “neném na cadeira”.

A entrevista com a criança 2, G., 4 anos incompletos, foi a mais extensa. Em relação à deficiência auditiva, fez nomeação ao objeto ligado à parte do material que foi confeccionado: “massinha” e também ao uso como acessório: “brinco”. Ao ser questionado porque o boneco faz uso daquele objeto, G. verbalizou que é “porque a mãe dela deixa”. Então, para a deficiência auditiva, a criança 2 relaciona o uso à permissão de alguém.

Para a deficiência física, a criança 2 nomeou o objeto como “cadeira de roda roda”. Seu uso foi ligado a 2 temas: o primeiro, a punição, ao verbalizar “menino que teimou e ficou pequeno” e o segundo, a algo que lhe aconteceu durante a vida, ao verbalizar “porque ele tá machucado...o joelho”.

Para a deficiência visual, G. nomeia “óculos” e o uso, liga também a permissão “porque a gente pois”.

QUADRO 2

Criança 2. 4 anos incompletos

Categorias	Temas	Verbalizações	
		Nomeação	Uso
Deficiência Auditiva	- dependente da permissão da mãe - Acessório	“brinco” “massinha”	“porque a mãe dela deixa”
Deficiência Física	- Algo que lhe aconteceu durante a vida - Punitiva	“Cadeira de roda roda”	“porque ele tá machucado...o joelho” “menino que teimou e ficou pequeno”
Deficiência Visual	- dependente de uma escolha	“óculos”	“porque a gente pois”

Nota-se que para a criança 2, as verbalizações indicam reflexo da família nas suas concepções, ligadas a punições e permissões.

A criança 3, B., de todas as entrevistadas, é a que mais possui os conceitos sobre as deficiências e conhece a respeito das mesmas. É a que mais percebe e já viu no meio social os deficientes. Verbaliza que já viu “num homem na rua” para o objeto aparelho auditivo.

A deficiência auditiva, para ele, já tem como tema a função de “ouvir”, apesar de não fazer a nomeação correta do objeto, como: “esse trem” e “massinha”, verbalizando, assim como a criança 2, o objeto ligado à parte do material que foi confeccionado: “massinha”. Dá, ao objeto aparelho auditivo, a função de um tipo de protetor, “pra ela tampar o ouvido dela”, mas ao mesmo tempo, determina que conhece a deficiência quando verbaliza “usa para escutar de cá e tampar de cá” e “pra tampar um ouvido e escutar no outro”. Nota-se que ele “exclui” o ouvido ruim com o uso do aparelho auditivo, como se ele não fosse usado para a amplificação sonora.

Na deficiência física, a criança nomeia o objeto como “cadeira de rodas” e dá uma função de prevenção - Usa para “não cair no chão e não machucar” - e, também, ligada à perda de acontecimentos importantes. “porque a gente não pode machucar pra ir na festa”.

Já o uso do objeto ‘óculos’ na deficiência visual, para esta criança, é visto como preventivo, “pra ele não ficar com o olho manchado”, observado no meio social ao citar a “minha tia”. Verbaliza “ele não ficar cego” quando questionado o porque do uso dos óculos. Mostra que conhece a deficiência.

QUADRO 3

Criança 3 - 5 anos incompletos

Categorias	Temas	Verbalizações	
		Nomeação	Uso
Deficiência Auditiva	- Brincadeira - Proteção - Ouvir	“esse trem” “massinha”	“porque é muito engraçado” “pra ela tampar o ouvido dela”, “usa para escutar de cá e tampar de cá” “pra tampar um ouvido e escutar no outro”
Deficiência Física	- Preventivo - Perda de acontecimentos importantes	“Cadeira de rodas”	“para não cair no chão”; “não machucar” “não pode machucar pra ir na festa”.
Deficiência Visual	- Preventivo - Enxergar	“óculos”	“para não ficar com olho manchado” “ele não ficar cego”.

A criança 4, P.H., foi a única criança que observou e verbalizou a respeito dos bonecos sem NEE, quando diz que “ele pode mexer e pode brincar”. As outras crianças não definiram nenhuma função e nem verbalizações a respeito dos 3 bonecos (ver Apêndice C) sem as características de deficiências.

Esta criança nomeia o objeto aparelho auditivo como “orelha”, mas não define nenhuma função quanto ao uso. Para ele, o aparelho auditivo pode ser tão eficiente que chega a funcionar como uma “orelha”.

Na deficiência física, PH. mostra o reflexo da família nas suas concepções, verbalizando “meu vô tem”. Define o uso do objeto nomeado “cadeira de rodas”, com a sua característica física; cadeira é “pra sentar” e uso como consequência, “porque ele cortou a perna”.

A deficiência visual, para ele, é ligada ao avanço da idade, já que o fantoche, para ele, usa óculos “porque é velho”, mas quando questionado sobre o uso das pessoas novas, também verbaliza “porque é gente nova”. Mostra também que conhece a cegueira, relacionando o uso do objeto “óculos” quando verbaliza “porque nois é cego”, incluindo a ele e a mais alguém entre as pessoas que utilizam óculos por deficiência visual.

QUADRO 4

Criança 4 - 6 anos incompletos

Categorias	Temas	Verbalizações	
		Nomeação	Uso
Deficiência Auditiva	- Sem função	“orelha”	Não definiu função
Deficiência Física	- Consequência - Sentar	“Cadeira de rodas”	“porque ele cortou a perna”. “pra sentar”
Deficiência Visual	- Idade - Enxergar	“óculos”	“porque é velho” “porque é gente nova” “porque ‘nois’ é cego”. Conhece a cegueira.

De acordo com as informações obtidas a partir das entrevistas com as crianças, notamos a importância da educação para a inclusão. Como vimos, as crianças pequenas aprendem muito por observações e modelos de conceitos que são passados para elas. Estão em constante aprendizado, inseridas no meio social.

Neste sentido, os princípios que norteiam a inclusão estão ligados aos mais variados contextos da organização social, às políticas públicas, à mídia, aos esportes e às definições no âmbito do atendimento à saúde e à educação (MACIEL, 2010). Entretanto, é principalmente na área da educação que o conceito se faz mais presente. Visto que a escola é responsável pela inserção de crianças com NEE, é de suma importância desenvolver um trabalho sobre deficiências e deficientes desde com as crianças pequenas.

O Quadro 5 (Vide apêndice D), traz questões importantes das entrevistas com os profissionais da escola e da mãe.

Para a categoria denominada “o processo de Inclusão Escolar”, o tema “cuidado especial e atenção” foi verbalizado pela professora e pela auxiliar de educação, visto que são elas que lidam diretamente com as crianças que tem NEE. Para a coordenadora, o tema de inclusão relaciona-se, diretamente, ao estar dentro da escola.

Todos os participantes demonstraram concordar a respeito de que o diagnóstico é realizado pelo médico. Citam, ainda, que a escola é responsável pelo encaminhamento, quando necessário, à coordenadora e à professora. Então, existem casos em que a própria escola identifica a criança com necessidade educacional especial, mas, a encaminha, através da família, para que seja realizado o diagnóstico médico.

A função da família é diversificada, segundo os participantes. É responsável pelo cuidado da criança, fazer a comunicação entre família e escola, participar, inserir a criança, incentivando-a a participar no meio de outras, ser parceira. Com todas essas funções definidas para a família, quando interligada à relação família e escola, outra caracterização, todos os participantes são unânimes em dizer que essa relação é positiva.

Apesar das opiniões serem positivas, considerando a relação família e escola, os participantes declararam, na opinião a respeito das famílias, que a escola acaba tendo muita responsabilidade em relação às crianças; às vezes, maior que a dos próprios pais: “Geralmente tem a tendência de deixar por conta da escola”. As

exigências também são muitas: “acha que o menino tem que ter exclusividade somente pra ele”; “Cobram muito, coisas assim, que é desnecessário. Porque os pedagogos estão ali pra aquilo. Não precisa ficar em cima!”. Para a professora, a opinião é positiva: “olha, eu acho assim muito bom”.

Quanto à participação da família em atividades escolares, foram citados os eventos relacionados a datas comemorativas do calendário escolar, pela coordenadora e pela auxiliar de educação. Efetivamente, não há participação dentro da sala de aula ou em outras situações, para a professora: “olha, a participação aqui dentro, não”. Para a mãe, conversarem nas reuniões sobre o assunto inclusão seria importante, assim como realizar trabalhos voluntários.

O comparecimento da família na escola tem sido de responsabilidade maior das mães, conforme citadas por todos os participantes. Figuras dos pais e de outras pessoas, como as avós, também aparecem entre os relatos. Há casos que pais (genitores do gênero masculino) nunca comparecem.

Vimos, no referencial teórico deste trabalho, a importância da relação contínua entre família e escola nos contextos de desenvolvimento. Para Kelman (2010), contexto é o meio em que os indivíduos estão inseridos e onde acontecem os chamados processos de desenvolvimento.

Assim, tanto na família, quanto na escola, ocorre aprendizagem; um processo não exclui o outro, ou seja, a família é responsável pelo processo de socialização, por meio de práticas educativas desenvolvidas com a finalidade de transmitir hábitos, valores, crenças e conhecimentos, (SZYMANSKI, 2004) além de estabelecer condições para o “bom” desenvolvimento (RODRIGUES; TANCREDI, 2005).

Mas, não é somente na família que a criança tem oportunidade de ampliar seu repertório como sujeito no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Dessen e Polônia (2007), família e escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Portanto, além da família, a escola constitui outro contexto de desenvolvimento fundamental para a trajetória de vida do indivíduo. Foi relatado por uma participante sobre a relação família e escola, que a última acaba tendo muita responsabilidade em relação às crianças; às vezes, maior que a dos próprios pais: “Geralmente tem a tendência de deixar por conta da escola”.

Pudemos perceber como as famílias têm participado do processo de inclusão escolar, especialmente, em projetos institucionais e eventos de datas comemorativas, que são importantes, mas não o bastante para se tornar de forma efetiva essa participação.

Como contexto de desenvolvimento, notamos que a família é um fenômeno muito complexo, cuja compreensão é dificultada pelo número de condições envolvidas, internas e externas a ela, interdependentes, e que apresentam efeitos cumulativos ao longo do tempo (SZYMANSKI, 2004). Esses efeitos interferem, diretamente, na construção dos conceitos de família pelas crianças, principalmente com a inserção das mesmas no âmbito escolar.

Em relação às crianças da pesquisa, pudemos perceber claramente como esses os conceitos ligados à deficiência são construídos. Para a criança 1, de 3 anos incompletos, a imitação do adulto, inicialmente, é a forma de construir esses conceitos. Para a criança 2, 4 anos incompletos, o reflexo da família nas concepções estão ligados a punições e permissões. Já para a criança 3, de 5 anos incompletos, o reflexo da família está relacionado também com o meio social. Para ele, a deficiência está ligada à perda de acontecimentos importantes, “porque a gente não pode machucar pra ir na festa” e relata que as conhece também pelo meio social, pois “já vi um homem na rua”. A criança 4, de 6 anos incompletos, também manifesta reflexo da família nas concepções, devido ao uso que o avô faz de uma cadeira de rodas.

Portanto, as idéias de Szymanski, (2004) sobre as condições internas e externas que envolvem a família apresentando efeitos cumulativos ao longo do tempo, na construção dos conceitos, refletem diretamente no resultado da pesquisa.

Sobre a inclusão, a Declaração de Salamanca 1994 (apud Sasaki, 1999) traz como princípio fundamental da escola inclusiva que todas as pessoas devem aprender juntas, independente das dificuldades ou diferenças que elas possam ter. No âmbito da Educação Infantil, vimos que as dificuldades do processo de inclusão somam-se a outras e à instituição propriamente dita, tais como objetivos e conteúdos, financiamento, formação dos profissionais que nela atuam, dentre outros.

A creche, por trabalhar com crianças pequenas, poder-se-ia transformar no espaço privilegiado para a identificação da criança com necessidades educacionais especiais (Vitta, 2010). Nas entrevistas, esse fato foi relatado pelos profissionais da escola, ao citar o fato de que algumas crianças – não diagnosticadas pelo médico –

já foram encaminhadas pela instituição quando percebida alguma característica que fugisse dos padrões de “normalidade”. O contato direto com o professor, possibilitaria uma possível constatação. Assim, seria possível encaminhá-la, se necessário, para serviços específicos de diagnóstico e tratamento (VITTA, 2010).

A escola inclusiva, em se tratando de Educação Infantil, ou qualquer outro nível educacional, precisa reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus educandos, assegurando educação de qualidade para todos, mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com suas comunidades, além de ter profissionais capacitados e qualificados para o trabalho com a inclusão.

Neste sentido, a capacitação profissional foi um tema unânime entre as respostas dos participantes adultos. A mesma é necessária, na opinião deles, para que se tenha um trabalho de qualidade, não só para os professores, mas, para os profissionais da escola. Incentivo por parte do governo também apareceu como fator importante para o bom desempenho do trabalho.

Hoje, ainda existe uma carência muito grande em relação à qualificação profissional. A mãe entrevistada, estudante de pedagogia, que tem uma criança com NEE, relata: “Eu penso que pra haver inclusão verdadeira, tinha que ter mais preparo para os professores, né? E os pais. Estar sempre tendo reunião sobre os assuntos, mostrando como é a inclusão, verdadeira inclusão. Os professores ser bem treinados, ter vários cursos, não se pegar desprevenidos, como é o que eu acho que ocorre hoje”. Fica evidente que a maior capacitação profissional de profissionais da inclusão ainda é uma barreira a ser vencida.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, durante a realização do trabalho, a importância da família e da escola para melhor compreendermos as concepções de inclusão e diversidade. Também vimos a importância de que estes dois contextos trabalhem juntos, a favor da inclusão. Entendemos que a melhor forma de inserir as famílias na escola é convidá-la e incentivá-la a participar não somente de reuniões avaliativas, mas, também, de outros tipos de reuniões e palestras, voluntariado, estudos dirigidos. Inserí-las com a consciência de respeitar o trabalho do professor, dando suporte, tendo confiança, pois, afinal, “os pedagogos estão ali pra aquilo”, de acordo com a auxiliar de educação.

Para a família, ainda, apesar das mudanças ocorridas, especialmente às mães, muitas vezes não é fácil deixar o filho em uma instituição para ter que trabalhar; e quando isto ocorre, devem ser conscientes e informadas de como é realizado o trabalho e de que maneira elas darão suporte à escola, para que não haja transferência de responsabilidades.

Vimos também, que em uma sociedade inclusiva, a relação dos profissionais com os familiares deve ser de cooperação, juntos na direção do atendimento às necessidades especiais da criança. Os objetivos a serem alcançados e as decisões a serem tomadas devem ser discutidos entre todos os envolvidos, cabendo aos profissionais esclarecerem todos os passos dos atendimentos a serem realizados. A decisão dos familiares deve estar baseada em informações dadas por esses profissionais (PAULA; COSTA, 2007). Nestes casos, a escola pode complementar essa formação, na medida em que tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento integral das crianças (VITTA, 2010).

Esse trabalho, também, deve ser reflexo da capacitação profissional, tanto dos professores quanto dos profissionais da escola. Da parte do Governo, é importante que se continue a proporcionar cursos de capacitação profissional, a fim de que cada vez mais os profissionais possam estar qualificados para lidar com todos os tipos de diversidade. Da parte dos educadores, que compreendam e possam aderir integralmente às propostas de capacitação e formação continuada. A escola também deve reformular seu Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) para o ano seguinte, inserindo nele a maior participação da família, além de eventos, apresentações e festas de datas comemorativas. Propostas como: participação na

elaboração do PPP, reuniões frequentes, palestras de diferentes profissionais das áreas de saúde e educação devem ser inseridos nas propostas. Em se tratando ainda da escola, nos conteúdos flexíveis, inserir aspectos sobre a diversidade, também, desde a educação infantil, para que as crianças compreendam e valorizem o respeito às diferenças, desde pequenas.

REFERÊNCIAS

BELEI, R. A, et al. O uso de entrevista, gravação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPeI** [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008.

BHERING, E. ; SIRAJ-BLATCHFORD, I. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. **Caderno de Pesquisa [online]**, n.106, pp. 191-216, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

----- . **CNE. CEB. RESOLUÇÃO Nº 3, DE 3 DE AGOSTO DE 2005**. Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração.

----- . **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

----- . Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação inclusiva (v. 3): a escola**. Coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. Brasília, 2004. 26p.

CAMPOS-RAMOS, P.C. **Pai, mãe e família: concepções de crianças pré-escolares**. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2008, 207 páginas.

COELHO, C.M.M. Inclusão Escolar. In: MACIEL, D. A. & BARBATO, S. (Orgs.). **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

COZER, R. C. **A visão da escola sobre a interação com as famílias dos alunos: o cenário das primeiras séries do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto) [online]**, vol.17, n.36, pp. 21-32, 2007.

FALCÃO, T. R.; TÉNIES, J. Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 81, n. 198, p. 229-243, 2000.

FRASER, M.T.D; GONDIM,S.M.G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Universidade Federal da Bahia. **Paidéia**, 14 (28), 139-152, 2004.

KELMAN, C.A. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, D. A. & BARBATO, S. (Orgs.). **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

MENDES, E. G. A Radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 33, p. 388-405, set./dez. 2006.

PAULA, A. R; COSTA, C.M. **A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 36 p.

PEREIRA, M.C.L. **Pais de alunos autistas**: relatos de expectativas, experiências e concepções em inclusão escolar. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação *Scripto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009, 169 páginas.

PEREIRA, R. M. R.; SALGADO, R.G. e SOUZA, S.J.. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. **Caderno de Pesquisa**. [online], vol.39, n.138, pp. 1019-1035, 2009.

RAPOSO, M.B.T. & MACIEL, D. A. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: MACIEL, D. A. & BARBATO, S. (Orgs.). **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RODRIGUES, A. M. M.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: A parceria escola-famílias em perspectiva. Universidade Federal de São Carlos. **Paidéia**, 15 (31), 239-247, 2005.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma Sociedade para todos**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: WVA,1999.

SIMIONATO-TOZO, S.M.P., BIASOLI-ALVES, Z.M.M. O Cotidiano e as relações familiares em duas gerações. **Paidéia**, 8 (14/15): 137-150, 1998.

SIQUEIRA, A. C. (Orgs). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 176-190, 2009.

SZYMANSKI, H. Práticas educativas familiares. A família como foco de atenção psicoeducacional. **Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas**, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/agosto 2004.

VITTA, F.C.F. A inclusão da criança com necessidades especiais na visão de berçaristas. **Cadernos de Pesquisa [online]**, vol.40, n.139, pp. 75-93, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O MEMBRO DA FAMÍLIA

PARTE I - CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

Quem faz parte da sua família? Quantas pessoas? Quem mora no mesmo domicílio que o participante?

Idade, profissão, escolarização, estado civil, número de filhos do participante e de outros membros da família?

Idade, profissão, escolarização e estado civil das pessoas que moram na casa?

Idade dos filhos? Quantos meninos e/ou meninas? Todos frequentam a escola? A criança com NEE está em qual ordem de nascimento?

PARTE II - COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DA DEFICIÊNCIA

A criança participante; a família soube da deficiência por meio de quem? (Ex: médico, psicólogo, escola, etc?)

Existem outros casos de deficiência na família? Qual o grau de parentesco? Qual tipo de deficiência? Como veem o desenvolvimento de seus filhos? Falar um pouco sobre o desenvolvimento dos filhos, enfocando mais a criança participante.

PARTE III - ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DA CRIANÇA PARTICIPANTE

Com que idade a criança entrou na escola?

Que tipo de escola? Inclusiva, regular ou especial?

Por iniciativa de quem?

Está em qual série? Como é o rendimento escolar?

Qual tema a família/ o participante gostaria de discutir com a escola, se houvesse oportunidade? O participante reconhece que já haja, na escola, alguma oportunidade nesse sentido? Explorar.

Caso fosse convidado, qual seria a sua disponibilidade – e a de outros membros de sua família – para participar de atividades na escola? Quais seriam as atividades de sua preferência?

Sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela escola, em geral e com a sua criança que tem NEE? Cite pontos positivos, negativos e dê sugestões.

Outras considerações?

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFISSIONAIS DA ESCOLA

1. Como é feito o processo de inclusão?
2. Como é o processo de diagnóstico de um aluno?
3. Existem quantos alunos em processo de diagnóstico?
4. Em média, quanto tempo leva esse processo?
5. Qual a função da família nestes casos?
6. Como é a relação família e escola nesta Unidade de Ensino? O que pensam a respeito da família da criança participante? A família é chamada para participar de atividades na escola? Quais?
7. Quem da família mais comparece na escola? Quem nunca comparece?
8. O que mais poderia fazer pela vida escolar da criança?
9. Outras considerações?

APÊNDICE C

FOTOS DOS MATERIAIS UTILIZADOS NAS ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS



Apêndice C.1



Apêndice C.2



Apêndice C.3



Apêndice C.4



Apêndice C.5



Apêndice C.6



Apêndice C.7



Apêndice C.8



Apêndice C.9.A.



Apêndice C.9.B

APÊNDICE D

QUADRO 5

Profissionais da Escola e Família

	Temas	Coordenadora	Professora	Auxiliar de Educação	Família (Mãe)
Processo de Inclusão Escolar	Inclusão Escolar	Quando a família chega à escola			
	Cuidado especial			"só que com as crianças, tem um cuidado mais especial, né? O cuidado com eles tem que ser melhor..."	
	Atenção		" a criança é observada o tempo todo... não que ela tenha prioridade dentro da sala não, ela vai ser tratada como qualquer outro aluno..."	" eles precisam mais...atenção redobrada...!"	
Processo de Diagnóstico	Médico		"...aí os pais procuram e já traz esse diagnóstico do médico".	" já vem diagnosticada pelo médico"	"O médico já avisou na ultrassom."
	Encaminhamento escolar para diagnóstico	Quando a escola é a primeira a perceber alguns sintomas, a família é orientada a procurar ajuda.	"Este processo assim, quando é observado aqui, a gente pede os pais que procurem um médico..."		
Função da Família	Cuidadora			" ah, eu acho que é o principal, né? Em questão de cuidado... é a base principal"	
	Comunicadora		"a família tem que ser assim, comunicar com nós o tempo todo... então é uma ligação muito boa"	"a base de tudo é a família"	
	Parceira	Ser parceira o tempo todo.			
	Participativa	Participar – aceitar – envolver-se – assumir.			"Estar inserindo ela, né, a participar com as outras crianças".
Relação Família e Escola	Positiva	As famílias correspondem positivamente ao processo de acompanhamento dos filhos.	"olha, eu acho muito bom"	" é bom"	"Negativo eu não vejo nada. Só coisas boas."

Cont. - QUADRO 5

Opinião a respeito das famílias		Geralmente tem a tendência de deixar por conta da escola.	"olha, eu acho assim muito bom"	"a mãe dele é super tranquila... Agora, a outra, já não. Ela acha que o menino é diferente... Ela acha que o menino tem que ter exclusividade somente pra ele." "só que as mães.. são muito... acham que as pessoas não tem capacidade. Cobram muito, coisas assim, que é desnecessário. Porque os pedagogos estão ali pra aquilo. Não precisa ficar em cima!"
Participação das famílias em atividades escolares	Eventos de datas comemorativas do calendário escolar	As famílias participam de projetos institucionais, apresentações e projetos específicos.	"olha, a participação aqui dentro, não"	"é, as vezes. No caso, dia das mães, dia das crianças, assim, só."
	Reuniões		" E os pais. Estar sempre tendo reunião sobre os assuntos, mostrando como é a inclusão, verdadeira inclusão".	
	Voluntariado		"eu queria muito poder ajudar as outras crianças. é.. ser voluntária mesmo, né? Estar ajudando, trabalhando com elas na escola".	
Comparecimento da família na escola	Genitores	As mães são as mais assíduas. A maioria dos pais não comparecem.	"a mãe. Mas tem pai coruja, que sempre comparece."	"a mãe". " os dois comparecem frequentemente". "nunca vi o pai dele"
	Outros		"mas sempre vem a vó, ou alguém assim, que ajuda a mãe, que dá apoio"	
Capacitação Profissional		"capacitação para profissionais da inclusão".		"o negócio dos professores estarem se adaptando mais, pra trabalhar com as crianças e os demais eu acho que é isso. Os professores estarem mais preparados." "pra haver inclusão verdadeira, tinha que ter mais preparo para os professores, né? Os professores ser bem treinados, ter vários cursos, não se pegar desprevenidos, como é o que eu acho que ocorre hoje." "os governantes deveriam incentivar mais os professores, tá fazendo cursos sobre isso, falam tanto em inclusão e tem pouco trabalho em torno disso."

ANEXOS

ANEXO I

CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-P
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A Diretora T.C.

C.E.I.H.

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhora Diretora,

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilandia), além de alunos inscritos em outros pólos, mas que atuam nesta rede. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias método lógicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação por meio dos telefones nº.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Keila Cristina Borges Lopes sob orientação de Patrícia Cristina Campos Ramos, cujo tema é: Família, escola e inclusão: percepções sobre a diversidade, em um contexto de educação infantil, possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) ou por meio dos e-mails:

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

ANEXO II



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Es



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia da UnB, por meio da Universidade Aberta do Brasil / Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre “Família, escola e inclusão: percepções de inclusão e diversidade, em um contexto de educação infantil” . Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores que atuam neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa observações de situações cotidianas e rotineiras da escola, entrevistas gravadas em áudio com os pais e as crianças. Para isso, solicito sua autorização para sua própria participação e, também, a de seu(sua) filho(a), no estudo que realizaremos.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você e/ou seu(sua) filho(a) poderá(ao) deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar(em) e isto não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 9144-6633 ou no endereço eletrônico keilacris1@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Keila Cristina Borges Lopes

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) _____ neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

ANEXO III – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Transcrição Entrevista Criança 1 – 3 Anos Incompletos

- Oi G.! Tudo bem? Tudo? Hoje você veio aqui pra brincar com a tia Keila. Tá bom?
- Tá.
- Eu estou fazendo um trabalho muito importante! E eu preciso da sua ajuda pra terminar meu trabalho. Você quer me ajudar?
- Quero.
- Quer? Então, nós vamos brincar! Nós vamos conversar sobre deficiência. Você já ouviu falar nisso?
- Já.
- Você sabe o que é que é isso? Sabe?
- Sei.
- Sabe? Então vamos brincar?
- Vamos.
- Esse aqui, olha! Você já viu um boneco desse?
- É.
- Onde que ele está? O que ele está fazendo?
- Ele?
- É. O que é que é isso?
- Cadeira do neném.
- Ah? É o que? Casinha do neném? ou cadeira do neném?
- Cadeira do neném.
- É? O que que ele está fazendo aqui?
- Que?
- O que que ele está fazendo, olha!
- Fazendo?
- É! Como que brinca com ele?
- Que brinca?
- É! Vamos dar um nome pra ele? Como que ela chama?
- Neném.
- Neném? Ai! Você está pegando onde nela? aonde você pegou?
- Aqui ó!
- O que mais?
- Como chama isso? O que é que é isso?
- Neném na cadeira.
- Ah! É, o neném na cadeira. Que legal! Sabe como chama isso? Cadeira de rodas! Você já viu alguém na cadeira de rodas?
- Já.
- Já viu? Já?
- Já!
- E esse aqui?
- Aqui.
- Esse aqui!

- É na cadeira.
 - *Esse aqui! já viu um desse? o que que ele tem de diferente?*
 - Diferente?
 - *É!*
 - *É? olha aí a boquinha.*
 - *Tem a boquinha dele... o que mais? Hã? o que é isso?*
 - Nariz dele.
 - *Nariz dele?*
 - *é!*
 - *O que mais você está vendo?*
 - Chapéu.
 - *Chapéu.. o que mais?*
 - Neném na cadeira!
 - *O que mais que mais você está vendo nele?*
 - *é!*
 - *O que é isso?*
 - O óculos.
 - *Óculos?*
 - *É.*
 - *Quem usa óculos que você conhece?*
 - Eu!
 - *Você usa?*
 - *É! Aqui ó aqui ó...*
 - *Você quer ver o óculos dele? Então pega!*
 - *Aqui ó!*
 - *É, pode pegar!*
 - *Pode?*
 - *E agora, ele está vendo?*
 - *É!*
 - *Aonde que põe o óculos?*
 - *Aqui ó..*
 - *Como que chama isso? Hum? Coloca nos olhos né?*
 - *É.*
 - *Pra ele ver melhor. E como que chama esse? Dá um nome pra ele! Hum? Como é o nome dele? Esse aqui chama neném. E esse?*
 - *Esse?*
 - *Ah? como ele chama?*
 - *Chama.. boquinha.*
 - *Boquinha o nome dele? Ah, então tá! Qual outro você quer brincar?*
 - *Brincar? Esse.*
 - *Esse? Vamos pegar ele! Espera aí então.. olha! Como é o nome dela?*
 - *Dela?*
 - *Oi Gustavo! Oi! Tudo bem? Como que ela chama?*
 - *Chama?*
 - *É.*
- Brincou, riu e falou "ai!"
- *E essa aqui, tem nome? Tem nome ela?*
 - *Tem nome...*
 - *Pergunta pra ela como ela chama? Pergunta o nome dela pra ela!*

- Nome dela? Aqui ó!
- *E esse, você está vendo alguma coisa nesse aqui? O que você está vendo nela?*
- Aqui ó.. boca dele!
- *Boca, o que mais? Esse aqui é o que?*
- Braço
- *Braço, o que mais?*
- Oi? Oi? (Falando com o boneco)
- *Você pegou, sabe brincar de fantoche?*
- É. Oi!
- *Oi!*
- Sabe? Amiguinha.
- *Você é amiguinha? E esse aqui? Ta vendo alguma coisa nela de diferente?*
- É!
- *Olha bem pra ela! O que você está vendo? Ah??? Caiu, ó! O que é isso nela? Não pode tirar, senão ela não escuta! O que é isso nela? Como chama isso?*
- Oi, amiguinha!
- *Amiguinha?*
- É!
- *Ela não escuta, sabia?*
- Oi amiguinha! Você sabe? Que é amiguinha?
- *Qual você gostou mais? Ah? Esse aqui você não viu nada?*
- Nada
- *O que ela tem na orelha?*
- Orelha? Aqui!
- *Cadê a orelha dela?*
- Orelha dela aqui ó!
- *É! Cadê a outra? Cadê a outra orelha? Ela tem duas!*
- Você sabe? Oi amiguinha!
- *Oi amiguinho!*
- Você sabe?
- *O que que eu sei?*
- Amiguinha?
- *Você sabe que eu tenho uma coisa aqui na orelha?*
- È!
- *Olha minha orelha! Olha Gustavo! Olha minha orelha! Qual você gostou mais? De quem você gostou mais?*
- Mais?
- *De quem você gostou?*
- Oi amiguinha! Você sabe?
- *É, ela sabe!*
- Aqui.. você sabe?
- *De quem você gostou mais, G? Dessa?(a cadeirante)É? Por que você gostou dela?*
- Dela?
- *Essa chama neném, que você falou? Por que você gostou da neném? Ih, caiu o óculos! E agora?*
- *E agora?*

- *Cadê o óculos dela?*
- *Dela? Sumiu..*
- *Cadê? caiu no chão!*
- *No chão.. aqui!*
- *Achou! muito bem! Por que tem que colocar o óculos nele? O que que você está fazendo?*
- *Ó aqui!*
- *Então tá bom! Vamos pra sua sala? Você gostou de brincar aqui?*
- *É!*
- *Você quer vir de novo?*
- *Que?*
- *Você gostou disso aí? Olha! Como chama isso mesmo?*
- *Neném na cadeira.*
- *É, o neném na cadeira! Qual estava sentado na cadeira? Quem estava sentado na cadeira?*
- *Neném*
- *É, neném. Então coloca ela lá!*
- *É aqui!*
- *Muito bem, essa é a da cadeira! Então dá um beijo nela pra gente ir. Dá! Tchau!*
- *Tchau!*

Transcrição Entrevista Criança 3 – 4 Anos Incompletos

- Oi G! Tudo bem? Responde...Tudo? Fala! Tudo...
- Tudo!
- Ah, que bom! Olha, hoje eu te trouxe aqui porque eu estou fazendo um trabalho muito importante.
- tá.
- E eu preciso de crianças para me ajudar a fazer esse trabalho. Você quer me ajudar? Quer? Então nós vamos conversar sobre deficiências. Você sabe o que é isso? Sabe? Sabe ou não?
- Sabe!
- Sabe? Então vamos ver se você sabe mesmo... Então nós vamos brincar.. e você vai pegar os bonecos e vai me falar o que você está vendo... tá bom? Então nós vamos brincar, tá? Qual você quer brincar primeiro? Então pega! Você quer dar um nome pra ele? Será como ele chama, então?
- Homem de barco!
- Ah?
- Homem de barco...
- Homem de barco? Parece mesmo, né? Parece um pirata? Por que ele parece um homem de barco?
- Porque ele fica no barco.
- Por que você acha que ele parece?
- Porque sim.
- O que ele usa que parece homem de barco?
- Óculos.
- Óculos? Eu acho que é o chapéu, não é não? O chapéu parece de pirata, né? Ele usa óculos, que você falou? Por que será que ele usa óculos?
- Porque a gente pois.
- Quem pois?
- A gente.
- A gente quem?
- A outra.
- Ah? Por que as pessoas usam óculos?
- Usam.
- Por que?
- Porque sim.
- Pra que que a gente usa óculos? Você usa óculos? Usa? Usa não...
- Usa sim!
- Não usa... a mamãe não usa, a A.L. não usa...
- Olha o bolsinho dele!
- É, um bolsinho! Então me fala! Por que será que ele usa óculos?
- Porque ele é homem de barco.
- E ele usa óculos será por que? Pra enxergar melhor...pra ouvir melhor...pra andar melhor...você tirou o óculos dele! E agora, ele vai enxergar? Vai? Você quer pegar o óculos? Pode pegar. Ah, o óculos!

- Eu uso assim!
- *Ah, agora você está usando, né? Esse óculos é de verdade!*
- *É?*
- *É. Sabe de quem é esse óculos? Da M.F.! (Filha da entrevistadora)*
- *É?*
- *É...*
- Ela pois?
- *Ela usa, óculos.*
- Eu também.
- *Você não usa! Só de brinquedo. Não é?*
- Uso de brinquedo, de mentira..
- *Ah, então você usa é de mentira, é?*
- Como põe?
- *Como põe? Assim mesmo! Só que tem que colocar em cima do nariz.. e a haste, essa perninha do óculos, atrás das orelhas, pra ele não cair, tá? Qual outro você quer brincar?*
- Esse também.
- *Esse aí. E esse aí, tem deficiência? Tem ou não?*
- Não.
- *Não...*
- *Ó o peixe! (Fala dos enfeites da sala de aula)*
- *È, o peixe!*
- A Mônica..
- *É!*
- *Quem é outro, que está segurando o peixe?*
- O Cascudo.
- *Não.. ele chama Chico Bento!*
- Chico Bento.
- *É. Esse tem ou não deficiência? Não, né? Tem alguma coisa de diferente nele? Ele usa óculos? Ele usa alguma coisa que você não usa?*
- Usa só de mentira, de brinquedo.. meu pai usa!
- *Seu pai usa o que?*
- *Óculos!*
- *É?*
- *Só o seu pai?*
- *Só!*
- *Ah, que legal! Então pega outro!*
- Dois?
- *Dois..*
- Ele mordeu o dedo!
- *Mordeu o dedo do G e agora? Vai ficar sem dedo? Não..se você ficar sem dedo você também fica deficiente! Sabia? E esse daqui, tem deficiência, G.? Não? Por que que ele não tem? Como você sabe?*
- *Porque não..*
- *Como você sabe que ela não tem?*
- *Porque não.*

- *É menino ou menina?*
- *Menina.*
- *Por que?*
- *Porque ela ficou pequena.*
- *Não... o que mais?*
- *Porque..*
- *O que que mostra que ela é menina?*
- *De cadeira de roda roda..*
- *De cadeira de roda rosa? Quer pegar ela? Então pega!*
- *Cadeira roda roda também?*
- *Pega e vê. Pode pegar! Então vamos colocar esse pra lá. Você tirou ela da cadeira? E se ela cair?*
- *Ela não cai.*
- *Porque é de mentira, né? É de brincadeira!*
- *Quem fez aquilo?*
- *Adivinha quem fez?*
- *Não sei.*
- *Eu! Pega pra você ver. O que que é isso, G.?*
- *Cadeira de roda roda.*
- *Cadeira de rodas! Pra que que serve uma cadeira de rodas? Olha aqui pra mim, pra que?*
- *Servi um homem.*
- *Servir um homem? Como assim? Me explica!*
- *Mulher também.*
- *Mulher também, homem e mulher! Você já viu alguém, na cadeira de rodas?*
- *Eu já vi um menino que “teimou” e ficou pequeno!*
- *Foi?*
- *Na hora que eu fui embora!*
- *Aonde você viu? Aqui?*
- *Não! Na hora que eu fui embora! Essa roda assim?*
- *É! Ela roda assim! E como que a menina estava sentada aí?*
- *Aqui.*
- *Coloca ela. Isso! Por que ela usa cadeira de rodas, G.?*
- *Porque ela tá machucado.*
- *O que tá machucado?*
- *O joelho.*
- *O joelho?*
- *É. Aí, ó.*
- *Mas por que que ela está na cadeira de rodas e você não?*
- *Porque ela machucou.*
- *Mas você também machucou...e aí?*
- *Tem que tomar injeção!*
- *É? Mas e se ela não sair mais da cadeira? Ela não sai mais da cadeira.*
- *Sai sim.*
- *Ela sai de brinquedo, mas se fosse de verdade ela não pode sair da*

cadeira, senão ela cai e machuca!

– Como ela roda?

– *Assim... empurra pra você ver! Empurra a cadeira atrás! Ajuda a cadeirante!*

– Roda não.

– *Olha lá, tá rodando.*

– Não.

– *É porque ela roda pouquinho! Ó... viu? Rodou? Cadeira de rodas. Então ela está na cadeira de rodas porque ela machucou o joelho? E essa aqui, ó.*

– Júlia.

– *Júlia? O que que a Júlia usa?*

– Brinco.

– *O que é isso aqui?*

– Brinco.

– *Brinco?*

– Esse aqui.

– *O que é isso?*

– Massinha.

– *É, de massinha! Mas por que será que ela usa isso no ouvido?*

– Porque a mãe dela deixa.

– *A mãe dela deixa? Ela é deficiente?*

– Aqui a massinha.

– *É, não pode tirar!*

– *Ó, aquela ali é deficiente, ela usa cadeira de rodas. Esse aqui usa o que?*

– Óculos.

– *E essa aqui, usa o que? O que que é isso?*

– Brinco.

– *Não é brinco que chama. Você já viu alguém usando isso? Ela usa onde, o brinco? O que você fala que é brinco.*

– No ouvido.

– *No ouvido. Isso aí chama aparelho auditivo, você sabia? Por que as pessoas usam aparelho auditivo?*

– Porque.. porque não!

– *Por que ela usa isso no ouvido?*

– Porque a mãe dela deixa.

– *Sabe por que que ela usa? Porque ela não escuta! Você escuta? O G. usa isso? Aparelho auditivo?*

– Eu não usa.

– *Não. A tia Keila usa?*

– Usa não..

– *Não! E a júlia usa por que? É Júlia, o nome dela? Porque ela não escuta bem, sabia?*

– Conta a historinha dessa..

– *Dessa aqui? A Júlia, era uma menina... deixa eu ver o que pode ser a história da Júlia.*

- Tem que por aqui a mão, ó aqui..!
- *A Júlia, teve uma doença. Uma doença chamada meningite. Ai, ela ficou sem escutar de uma orelha. “ Oi G!”*
- Oi!
- *“ Eu não escuto bem, você sabia? Só desse ouvido esquerdo!”*
- Morde...
- *“nhau”*
- *Você quer perguntar alguma coisa pra Júlia? Pergunta alguma coisa do aparelho da Júlia!*
- Não sei.
- *Não sabe? “ É porque eu tive uma doença e não escuto bem agora! Aí eu tenho que usar esse aparelho para escutar melhor, para aprender na escola, tá bom?”*
- Agora conta desse?
- *Depois. Qual você gostou mais, G.? De qual? Fala o nome pra mim.*
- Dos dois.
- *Desse aqui? Que parece homem de barco? E aquele ali?*
- Cadeira roda.
- *Cadeira de rodas? Por que você gostou mais deles?*
- Porque eu gosto.
- *Por que?*
- Porque sim.
- *Por que você gostou do óculos?*
- Gostei sim.
- *Por que você gostou da cadeira?*
- Porque sim.
- *Por que você não gostou do aparelho auditivo da Júlia?*
- Gostei.
- *Gostou também? Qual você gostou mais? De todos? É? Você quer vir depois de novo, brincar com a tia Keila? Quer? O que você está fazendo?*
- Pondo óculos...
- *Pondo óculos! Vixi! Tá certo esse óculos?*
- *Tá. Colocou no lugar errado esse óculos! Tem que colocar atrás das orelhas, a perna do óculos! Quer ver? Olha! Aí ficou bom, não ficou?*
- *Esse celular tem joguinho?*
- *Não é celular! É um gravador.*
- *Ele tem joguinho?*
- *Tem não!*
- *Tem não?*
- *Você gostou do gravador também? Então manda um beijo pra alguém, pra gente ir embora! Você vai dar é em mim? Delícia! Você gostou de vir brincar?*
- Conta desse aqui também..
- *Vou contar a história de todos, pra você, tá bom? Então tchau. Outro beijo, agora do fantoche? Ah, obrigada! Beijo, tchau.*
- Tchau.

Transcrição Entrevista Criança 3 – 5 Anos Incompletos

- Oi B.!
- Oi!
- *Hoje você veio aqui porque a tia Keila está fazendo um trabalho muito importante. Então eu preciso de crianças pra me ajudarem a terminar o trabalho. Você quer me ajudar?*
- Quero.
- *Então você vai brincar e vai me falando o que você está vendo. Tá? Nós vamos conversar sobre deficiência. Você já ouviu essa palavra? Já?*
- *Já. você sabe o que é deficiência?*
- Sei.
- *Sabe? Então vamos ver. Qual boneco você quer brincar primeiro?*
- Esse.
- *Esse? Então pega. O que você está vendo nele?*
- Eu to vendo a língua, o óculos..
- *óculos?*
- O nariz dele, o olho dele...
- *por que será que ele usa óculos?*
- Porque, pra ele não ficar com o olho, é... manchado.
- *Manchado? É? Você já viu alguém com o olho manchado?*
- já.
- *como que é?*
- é... é.. é... minha tia!
- *É? aí ele tinha que usar óculos? E por que você acha que ele tem que usar óculos? Você quer dar um nome pra ele?*
- Quero. Como você acha que ele chama?
- Hum.. não sei o nome dela.
- *Não? Inventa!*
- é.. o nome dele chama desenho!
- *Desenho? Ele vai chamar desenho? Então tá. Então o desenho é deficiente?*
- é.
- *é? ele tem deficiência onde?*
- Aonde? Na língua dele.
- *Mas não era nos olhos?*
- Era. Era aqui.
- *Então ele usa óculos você acha que é por que? Pra não acontecer o que?*
- Pra não acontecer é... ele não ficar cego.
- *Ah! então isso que é deficiência visual? É? Chama deficiência visual, sabia? Então pega outro boneco! Qual você quer brincar?*
- Esse.
- *Esse? Esse aí será que ele tem deficiência?*
- Não.

- *Não, não tem! Eu vou te mostrar três deficiências nesse bonecos. Aí esse aí você disse que não tem, né? Pega outro então! Hum.. e esse?*
- *E esse.. esse aqui...*
- *o que você está vendo nele?*
- *Eu to vendo ele sem vidrinho com uma bolinha aqui de círculo. E um pouquinho da língua dele, um brinquinho dele e os cabelinhos dele...*
- *e onde que ela estava sentada?*
- *Na cadeira de rodas.*
- *Cadeira de rodas? Então essa boneca, ela é deficiente, B?*
- *Hum...*
- *pode pegar a cadeira se você quiser! Ela é deficiente?*
- *é.*
- *é? por que?*
- *Porque ela tem esse negocinho aqui!*
- *E o que mais?*
- *E esses negocinho aqui, ó.*
- *Não é só por isso. O que mais que ela tem, que os outros não tem?*
- *Hum.. ela tem isso aqui. Ela tem a cadeira de rodas.*
- *Ah, ela tem a cadeira de rodas. E pra que que serve a cadeira de rodas? Nas pessoas? Pra que que elas usam?*
- *Porque pra elas não cair no chão e não machucar.*
- *E por que que elas caem no chão se elas não usarem a cadeira?*
- *Porque, porque a gente não pode machucar pra ir na festa.*
- *Na festa? Hum... mas as vezes não é por isso que ela usa! Por que será que a pessoa... quando usa óculos, você falou que é pra.. não ficar com o olho manchado? Pra não ficar cega, não é? E a pessoa que usa cadeira de rodas?*
- *Eu acho que fica machucado na cadeira.*
- *É? e será que ela machucou o que, pra ficar na cadeira?*
- *Hum.. é... esse trem vermelho.*
- *Hum? A bochecha? É?*
- *Então vamos pegar outra boneca! Ela não pode ficar longe da cadeira de rodas dela, senão ela machuca!*
- *É?*
- *é... e esse aqui, hein? O que será que essa tem?*
- *é... esse aí, essa aí tem, não tem... ela... como que..*
- *não tem óculos... o que mais?*
- *Também tá com o olho vermelho.*
- *Com a bochecha vermelha... mas isso não é deficiência não! Aqui, ó. Eu também tenho a bochecha vermelha, ó. Tá vendo?*
- *Eu também tenho...*
- *olha! Caiu alguma coisa dela! O que que caiu?*
- *Esse trem!*
- *O que é isso?*
- *Que isso? Isso aí é um... uma massinha!*
- *Uma massinha? Não amassa a massinha! Mas eu fiz essa massinha aí pra fazer uma coisa que ela precisa usar! Sabe onde ela usa isso? Deixa eu te*

mostrar. Aqui ó! Você já viu um desse?

- Por que ela usa isso?
- *Por que que você acha?*
- É porque é muito engraçado!
- *Engraçado? Você acha que ela usa pra que?*
- Pra ela tampar o ouvido dela.
- *Tampar o ouvido? Pra que?*
- Pra escutar de cá e tampar de cá.
- *É? mas é o contrário, sabia? Isso aqui chama aparelho auditivo! Sabe por que que usa? Se aquela ali usa cadeira pra andar, pra se locomover... aquele outro usa o óculos pra enxergar... essa aqui usa o aparelho auditivo pra que?*
- Hum.. porque.. pra tampar um ouvido e escutar no outro!
- *Não.. é pra escutar nos dois, sabia? Porque ela não escuta! Você já viu um desse? Já viu? Em quem você viu?*
- Num homem na rua!
- *Você já viu, um homem na rua? Então! É porque ele é deficiente auditivo. Ele precisa usar pra escutar melhor, sabia? Qual você gostou mais, dos bonecos?*
- Gostei desse, desse...
- *escolhe um! Qual você gostou mais? Por que?*
- Porque ele só tem o óculos!
- *Por que ele tá sem o óculos? E por que você não gostou do que está com óculos?*
- Porque o que tá com óculos é ruim.
- *Esse aqui é ruim? Qual que é ruim?*
- Esse tá com óculos, esse...
- *usar óculos é ruim?*
- É, porque eu não gosto de óculos!
- *Ah, você não gosta? E você gosta de cadeira? De rodas?*
- Gosto.
- *Gosta? Você gosta do aparelho auditivo?*
- Gosto.
- *Gosta? Qual que você gostou mais?*
- Gostei desse, desse e desse.
- *Por que mesmo?*
- Porque, porque, eu não gosto desses aqui... não gosto!
- *Por que você não gosta, mesmo? Repete pra mim!*
- Porque eu não... porque eu não gosto, desse remédio.
- *Ah, não gosta do óculos?*
- Não, porque eu não gosto desses trenzinho aqui! (bolinha na haste do óculos)
- *tá. você gostou de vim brincar? Gostou? Depois você vem novamente?*
- Vem não..
- *Não? Por que?*
- Por... porque, porque minha mãe... porque amanhã eu tem que ir pra

festa.

– *Ah, amanhã você vai pra festa, né? Natal, né? Então tá bom!*

Transcrição Entrevista Criança 4 – 6 Anos Incompletos

- *Bom dia, P. H.! Tudo bem?*
- *Tudo!*
- *Olha, hoje eu chamei você aqui porque eu estou fazendo um trabalho muito importante. E eu preciso da sua ajuda e da ajuda de alguns coleguinhas para terminar esse trabalho. Eu chamei alguns coleguinhas seus do jardim, do maternal e agora você, tá bom? Então nós vamos conversar e vamos brincar! Vamos conversar sobre deficiências. Você já ouviu falar disso? Já?*
- *Não.*
- *Você não sabe o que é ser deficiente? Então vamos descobrir. Vamos? Então pode brincar. E esse boneco aqui? O que você está vendo nele...*
- *Eu estou vendo o olho, a boca, a língua, o cabelo e o chapéu.*
- *Isso! Será que ele tem nome? Ele pode ter nome?*
- *Pode.*
- *Então dá um nome pra ele.*
- *Zé.*
- *Zé? Zé do que?*
- *Não sei.*
- *Não sabe? Só Zé? Você só chama P. H.? Você não tem sobrenome não? Então tá bom. Então é o Zé. O que será que o Zé faz?*
- *Ele pode mexer e pode brincar.*
- *Isso, muito bem! E esse aqui?*
- *Esse, ele...*
- *Me fala o que você está vendo nele?*
- *Eu estou vendo os braços, o óculos, os olhos, o cabelo e a roupa.*
- *Por que será que ele usa óculos?*
- *Porque ele é velhinho.*
- *É velhinho?*
- *é.*
- *Mas gente nova pode usar óculos?*
- *Pode.*
- *E se eu colocar nesse aqui? Por que será que ele usa óculos?*
- *Porque ele é gente nova.*
- *Mas por que que a gente usa óculos?*
- *Porque nois é cego.*
- *Cego?*
- *É! Cego, óculos!*
- *Usa pra enxergar melhor, né? Muito bem, acertou! E esse aqui? E ele, tem nome?*
- *Quem?*
- *Esse aqui que usa óculos? O que é novo, que eu coloquei agora? Qual o nome dele? Ele tem cara de que?*
- *Pode ser... o nome pode ser...*
- *Ah?*
- *Precisa ficar com vergonha não... (outra pessoa passou e falou)*

- *Está com vergonha, olha! Ele tem nome? Esse aqui é o Zé, olha, tia C.! Esse aqui ele deu o nome de Zé, pra ele! E esse aqui, olha, usa óculos, não é, P.H.? Por que ele usa óculos?*
- *Porque é gente nova...*
- *Não, você me falou...*
- *Porque ele é cego!*
- *Ah, porque ele é cego, que legal, hein? Então dá um nome pra ele, pra gente passar para o outro.*
- *Cl.*
- *Cl??? Você conhece alguém que chama Cl?*
- *Meu tio...*
- *Cl? Não é apelido dele não? Ah, então tá bom. E esse aqui, ó! Pega ela pra mim e vê. Aí, vai colocar a mão... E essa? Olha tudo e me fala o que ela tem.*
- *Ela tem orelha, brinco, olho, nariz, boca..*
- *Hum...*
- *Cabelo.*
- *E ela tem alguma coisa de diferente?*
(Balança a cabeça dizendo que não)
- *Nada? Quantos brincos ela tem?*
- *Dois.*
- *Dois? Um, é uma bolinha, né? Dois. E o que que é isso? (pergunto do aparelho)*
- *Orelha.*
- *Orelha? Ah, então tá bom! Ela não tem mais nada de diferente? Você quer dar um nome para ela?*
- *Não.*
- *Dá um nome pra ela de algum colega da sua sala! Esse aqui parece você, ó! (RS) não parece? Parece o P. H., esse "Cl" aqui, ó! E essa, parece com quem?*
- *Geovana Bernardes.*
- *Geovana Bernardes? Olha, a Geovana tem o cabelo que cor, hein? Que cor?*
- *Preto...*
- *preto... então tá! E essa menina aqui? Tem que pegar tudo que está com ela, viu? Isso aqui também. O que que é isso?*
- *Uma cadeira de rodas.*
- *Cadeira de rodas? Pra que que serve?*
- *Pra sentar.*
- *Pra que? Você tem uma? Você tem, cadeira de rodas?*
- *Meu vô tem!*
- *Seu vô tem? Por que o vovô precisa de cadeira de rodas?*
- *Porque ele cortou a perna.*
- *Foi? Amputou?*
- *Não...*
- *Como que foi o corte dele? Me explica!*
- *Ele tava lá na chácara, aí mo tio, mo tio tava capinando o trem lá com...*

tirando o mato com facão.. ele.. ele pois o pé lá e cortou.

- *Foi? Aí ele não tem pé? Ahhh! Aí ele usa a cadeira de rodas. E essa menina? E essa boneca aí?*
- *Ela não tem perna.*
- *Ah, por isso que ela não.. ela tem que usar?*
- *É..*
- *É? Você quer dar nome pra ela?*
- *Quero.*
- *Quer? Então dá!*
- *Kelly.*
- *Kelly? Ah, então a Kelly usa cadeira de rodas? Que legal! Então põe a Kelly sentada aqui! Então tá bom! Você gostou de vir brincar, P.H.?*
- *Gostei!*
- *Depois eu vou chamar outro coleguinha pra vir também, tá? Obrigada por ter ajudado a tia Keila, tá bom? Dá um beijo! Hum, que abraço gostoso! Depois você vem de novo, tá bom? Então tá, beijo!*

Transcrição Entrevista com a Mãe

- Oi! Tudo bem?
- Tudo.
- Bom dia!
- *Bom dia. Como eu te expliquei, essa entrevista é para o trabalho de especialização que eu estou realizando em relação a inclusão. Principalmente de famílias e a inclusão escolar. Então sua entrevista vai ser de grande ajuda para o meu trabalho.*
- *Quem faz parte da sua família?*
- Eu, meu esposo, e duas filhas e um menino. Três filhos.
- *Três filhos. Ao todo, cinco pessoas?*
- Isso, cinco pessoas.
- *Todos moram na mesma casa?*
- Sim. Todos moram.
- *Qual a idade de vocês? Idade sua, do esposo...*
- eu tenho 29, meu esposo 28, a minha menina mais velha tem 3 anos, a do meio 1 ano e um recém-nascido. Um mês. Vinte dias.
- *Qual a sua escolarização?*
- Eu estou cursando pedagogia.
- *E o seu esposo?*
- é.. segundo grau.
- *Segundo grau completo?*
- É, completo.
- *São casados?*
- Casados.
- *Quantos meninos?*
- Um menino.
- *Duas meninas.*
- *Todos frequentam a escola?*
- Só a mais velha. De 3 anos...
- *A criança com necessidade educacional especial, ela está em qual ordem de nascimento?*
- Segundo.
- *Você soube da deficiência por meio de quem? Médico, psicólogo, escola?*
- O médico já avisou na ultrassom. Que eram gêmeas, uma delas morreu e a outra teve essa complicação.
- *Qual o nome da deficiência dela?*
- Síndrome de West.
- *Existem outros casos de deficiência na família?*
- Não.
- *Como que você vê o desenvolvimento de seus filhos? Fala um pouco pra mim sobre o desenvolvimento deles... principalmente da criança participante, que é a do meio.*
- Desenvolvem bem, acho dentro do normal. Agora a com deficiência tem

um aninho e até hoje não fala, não anda, ela tem dificuldade. Tudo dela é mais lento. Mas ela está desenvolvendo bem. Tá fazendo fisioterapia, faz três vezes da semana na APAE.

– *Ah, então ela já entrou na escola?*

– Isso.

– *com que idade ela entrou?*

– Acho que desde os três meses, ela já foi.

– *E por iniciativa de quem?*

– Minha mesmo. O médico aconselhou, né, fez os exames. E eu fui na APAE, matriculei lá e está sendo ótimo. Tá desenvolvendo bem.

– *Certo.*

- *Se você tivesse oportunidade de discutir com a escola algum tema, qual seria?*

- Inclusão.

- *Você acha que na escola já tem uma oportunidade nesse sentido?*

- Bem pouca, mas tem.

– *E se você fosse convidada, qual seria a sua disponibilidade de participar de atividades na escola, com a criança?*

– Eu, por vivenciar isso na minha família, eu queria muito poder ajudar as outras crianças. é.. ser voluntária mesmo, né? Estar ajudando, trabalhando com elas na escola.

– *Você trabalha?*

– Não, porque o tempo está difícil, né? Porque agora tem o recém nascido, tem ela, que tá sempre indo ao médico, APAE.

– *E se você fosse na escola participar, igual você está me relatando, com trabalho voluntário. Quais seriam as atividades de sua preferência, para fazer na escola?*

– Minha preferência? Acho que mais assim, físico, né, incentivando desenvolvimento motor, é... contar histórias. Estar inserindo ela, né, a participar com as outras crianças.

– *E qual a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido na escola? Em geral?*

- Na escola, em geral? Eu penso que pra haver inclusão verdadeira, tinha que ter mais preparo para os professores, né? E os pais. Estar sempre tendo reunião sobre os assuntos, mostrando como é a inclusão, verdadeira inclusão. Os professores ser bem treinados, ter vários cursos, não se pegar desprevenidos, como é o que eu acho que ocorre hoje.

– *Isso falando mais da necessidade especial?*

– é.

– *e no trabalho em geral, você acha que é bem desenvolvido?*

– Sim. No geral sim.

– *Me fala alguns pontos positivos sobre a escola.*

– Escola? A criança desenvolve mais, tem mais participação com outras culturas, outras famílias. É, trabalham mais em grupo, tem mais noção de sociedade.

– *E negativos?*

– Negativos? Negativo eu não vejo nada. Só coisas boas.

– *Que bom! Você tem alguma consideração pra fazer, alguma coisa que*

você acha importante relatar?

- Só que os governantes deveriam incentivar mais os professores, tá fazendo cursos sobre isso, falam tanto em inclusão e tem pouco trabalho em torno disso.
- *ok. então muito obrigada pela sua colaboração!*
- De nada!

Transcrição Entrevista com Auxiliar de Educação

- *Bom dia!*
- Bom dia!
- *Tudo bem?*
- Tudo!
- *Como eu te falei, quando foi assinar a ficha, eu estou fazendo um trabalho, então eu preciso da ajuda também da auxiliar de educação. Então vou te fazer umas perguntas. Como que é feito o processo de inclusão?*
- O processo de inclusão pelos pedagogos são feitos normalmente. Só que com as crianças, tem um cuidado mais especial, né? Porque eles... não o mesmo cuidado que tem que ter com as outras crianças.
- *Cuidado em que? Alimentação...*
- alimentação deles são... gente, peraí! O cuidado com eles tem que ser melhor. Não que com as outras não... mas eles precisam mais.
- *Uma atenção especial.*
- Isso, atenção redobrada!
- *Certo. E o processo de diagnóstico de um aluno? Você sabe como é feito?*
- Olha, geralmente já vem pelo médico, né? A criança já vem pelo médico, diagnosticada pelo médico.
- *Certo. Mas existem alguns alunos, que estão em processo de diagnóstico?*
- Tem. Dois. Na minha sala que eu trabalho tem dois. Um, ele tem problema de coração e o outro ele dá desmaio.
- *Mas o de coração já tem diagnóstico fechado?*
- Tem.
- *Que é o problema de coração. O de desmaio...*
- não. Já fizeram todo tipo de exame e não consta nada, como que ele não tem nada.
- *Certo. E em média, quanto tempo leva esse processo? Quando ele é feito?*
- Ah, aí eu não sei... quanto tempo.
- *Qual a função da família nesses casos, que você acha?*
- Ah, eu acho que é o principal, né? A família.
- *Em que que ela mais ajuda... assim, que você acha?*
- A família, eu acho que é o principal, ali... da criança, em questão de cuidado, a criança... ah! A família é a base principal, né?
- *Pra tudo!*
- Pra tudo.
- *É mais importante que a escola, você acha?*
- Ah, eu acho com certeza! A base de tudo é a família.
- *Como é a relação da família nessa escola? Nessa unidade de ensino?*
- É bom. Só que as mães... são muito... acham que as pessoas não tem capacidade. Cobram muito, coisas assim que é desnecessário. Porque os pedagogos estão ali pra aquilo. Não precisa ficar em cima!
- *Elas exigem mais em que? No cuidado, ou em relação à questão*

pedagógica?

- Em relação acho que os dois.
- *E o que você pensa a respeito assim... da família dessas crianças que estão participando da entrevista? Dessas que tem diagnóstico fechado. O que você pensa, assim, a respeito da família?*
- Olha, a família no caso, do L.F. que ela dá desmaio, e não consegue achar... a mãe dele é super tranquila. Agora, a outra, já não. Ela acha que o menino é diferente, por ela mesmo. Não como o professor vê. Ela acha que o menino tem que ter exclusividade somente pra ele.
- *Certo. E a família? Ela é chamada pra participar de atividades na escola?*
- É, as vezes. No caso, dia das mães, dia das crianças. Assim, só.
- *Então é mais em data comemorativa?*
- é.
- *e quem da família mais comparece na escola?*
- A mãe.
- *A mãe? Nos dois casos?*
- Não. No caso do L.F. os dois comparecem, frequentemente. Agora, do B. não. Geralmente a mãe. Nunca vi o pai dele.
- *O que mais você acha que poderia fazer pela vida escolar dessas crianças?*
- Olha, eu acho que já está sendo feito, o negócio dos professores estarem se adaptando mais, pra trabalhar com as crianças e os demais eu acho que é isso. Os professores estarem mais preparados.
- *E você tem alguma consideração a fazer?*
- Olha, eu acho que é bom demais, igual a gente tá fazendo essa entrevista, pra melhorar as coisas, né? Ver onde está o conhecimento, e é isso!
- *Com certeza. Então muito obrigada e tenha um bom dia.*
- De nada, pra você também!

Transcrição Entrevista com a Professora

- *Bom dia!*
- Bom dia!
- *Esta é a entrevista com a professora. Como eu te falei ao assinar a ficha, esta entrevista é para o trabalho de especialização, sobre inclusão, da Universidade de Brasília e sua entrevista vai ser muito valiosa para o meu trabalho.*
- Ok.
- *Como é feito o processo de inclusão na sua sala?*
- Bom, com criança que tem essa necessidade pra gente trabalhar com esse processo de inclusão com ela, o que que nós fazemos : a criança ela é observada o tempo todo, principalmente na hora do sono, né, e, em sala de aula, não que ela tenha prioridade dentro da sala não, ela vai ser tratada como qualquer outro aluno , mas é claro que nós temos que observar devido, assim, ao diagnóstico que veio de casa.
- *Sempre vem de casa?*
- Vem. Este processo assim, quando é observado aqui, a gente pede os pais que procurem um médico, é claro, não diagnosticando, né, porque nós professores não podemos fazer isso, mas o que, indicamos o pai para levar ao pediatra, ou um médico que seja responsável por aquele momento que a gente tá vendo que não está assim, se adequando às outras crianças, que a gente vê que não é um processo normal. Aí os pais procuram e já traz esse diagnóstico do médico.
- *Ótimo! Existem quantos alunos, em processo de diagnóstico?*
- Olha, aqui eu tenho dois alunos, né? Um, ele tem desmaios frequentes, principalmente quando ele leva uma queda, ou ele fica nervoso, né, e o outro é um probleminha que ele já nasceu com um problema de coração. Então assim, ele deve ser observado durante o sono como eu já te falei, e também, o outro, em questão de queda, a gente saber assim, como agir com ele na hora, porque esse diagnóstico já veio do médico, então o procedimento de como coloca-lo, como deixa-lo, então todas as professoras tem que ter conhecimento disso e foi passado pra nós.
- *Em média, quanto tempo leva esse processo?*
- Olha, esse processo ele é indefinido, por que. Porque ele ainda está em tratamento. Inclusive o desse que desmaia o médico não descobriu nem o que é. Mas, só passou o procedimento, como agir, pediu para não alarmar-mos, né, que é um processo que ele ainda está estudando, porque é um bebê, né, não dá pra dar um diagnóstico assim mais específico.
- *Qual a função da família nesses casos?*
- Olha, a família tem que ser assim, como se diz, comunicar com nós o tempo todo. Tanto a gente passar pra eles o que foi feito aqui, como em casa também, se aconteceu vários desmaios, quantos foi. Aqui a gente sempre procura falar com o pai na hora que aconteceu, às vezes o pai vem aqui imediatamente porque já trabalha aqui, né. Então é uma ligação muito boa, a gente não tem assim que preocupar nesse caso aí não.
- *Com o é a relação da família nessa unidade de ensino?*
- Olha, eu acho muito bom. Principalmente por ser uma unidade que os pais trabalham perto, então se a gente precisar, a partir do momento que a gente precisa falar.. eu mesmo tenho esse contato todos os dias, porque eu trabalho com bebê, então eu tenho que saber como que esse bebê foi em casa, se ele

dormiu bem, se ele alimentou bem e a mesma coisa eu passo a tarde para os pais.

- *O que você pensa a respeito da família dessas crianças? Principalmente das participantes?*

- Olha, eu acho assim muito bom. Eu tenho assim, eu já tive alguns problemas, tal, assim questões de as vezes até a criança não sei se é uma rejeição, né, porque nós também trabalhamos com crianças da comunidade, que já vem de uma ligação bem diferente. Então, ou seja, mas a gente procura mostrar pra eles como que é esse afeto, como que é esse carinho, então isso vai mudando com o tempo. Nós trabalhamos com isso também, principalmente essa interação família e escola.

- *A família é chamada para participar de atividades na escola?*

- Olha, a participação aqui dentro, não. Mas o que que eu faço: quando eu passo alguma música, algum movimento que é pra trabalhar com a criança, que as vezes até a criança mostra isso pros pais. Então, que eles façam essa continuação em casa.

- *Quem da família mais comparece na escola?*

- A mãe. Porque é berçário, né. Mas tem pai também coruja, que sempre comparece.

- *Tem alguém que nunca comparece? Nesses dois casos, o pai e a mãe.*

- Não. Aqui, assim, eu já tive caso da criança não ter o pai, né presente. Aí, é a mãe. Mas sempre vem a avó, ou alguém assim, que ajuda a mãe, que dá apoio.

- *O que mais você acha que poderia fazer pela vida escolar da criança?*

- Bom, aqui no caso do berçário, é uma briga que eu venho assim, pedindo há muito tempo, porque a criança, ela deve amamentar até os seis meses. Eu não acho que tem que ser, inteirou seis meses hoje, ela já sai, já não amamenta mais, já não vem amamentar os horários que deve ser feito. Então assim, ou seja, ela amamenta na verdade, até os cinco meses.

- *Tem alguma outra consideração a ser feita?*

- Não, eu acho que, assim, por ser berçário, né, igual eu falei pra você, é muita atenção, muito carinho, muito amor. E assim, particularmente, falando de mim, é a minha paixão, minha vida, tudo que eu gosto de fazer e eu acho que é um processo que você vê o resultado no final do ano muito gratificante tanto pra nós professores quanto para os pais, que veem esse resultado sempre.

- *Então tá bom. Tenha um bom dia e muito obrigada pela sua entrevista!*

- Eu que agradeço! Bom dia!

Transcrição do Questionário Respondido pela Coordenadora

1. Como é feito o processo de inclusão?

Quando a família chega à escola. Já é comum se identificar na coordenação como portador de alguma necessidade especial.

2. Como é o processo de diagnóstico de um aluno?

Daí pra frente inicia-se o processo de entrevistas, conversas, verificação de laudos de outros profissionais e monta-se um dossiê para cada aluno.

3. Existem quantos alunos em processo de diagnóstico?

Aproximadamente 10 alunos.

4. Em média, quanto tempo leva esse processo?

A escola não é responsável por diagnósticos em si. Trabalhamos em parceria com os profissionais de outras áreas que já acompanham esses alunos. Quando a escola é a primeira a perceber alguns sintomas, a família é chamada e orientada a procurar ajuda.

5. Qual a função da família nestes casos?

Participar- aceitar- envolver-se- assumir informar à escola, enfim, ser parceira o tempo todo.

6. Como é a relação família e escola nesta Unidade de Ensino? O que pensam a respeito da família da criança participante? A família é chamada para participar de atividades na escola? Quais?

Na escola as famílias correspondem positivamente ao processo de acompanhamento dos filhos; mas é preciso estar em constante alerta. Geralmente tem a tendência de deixar por conta da escola. As famílias participam de projetos institucionais feitos pela escola, como de costume, como apresentações e projetos específicos dos conteúdos.

7. Quem da família mais comparece na escola? Quem nunca comparece?

As mães são as mais assíduas. A maioria dos pais não comparecem.

8. O que mais poderia fazer pela vida escolar da criança?

A participação maior dos pais e da própria escola, principalmente em relação à capacitação dos profissionais da escola.

9. Outras considerações?

As autoridades deviam investir mais em capacitação para profissionais da inclusão.